

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
NÚCLEO DE XINGUARA
COLEGIADO DE PEDAGOGIA

FLAVIANA DE BARROS ATAIDE

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM XINGUARA:
IMPLICAÇÕES DE UMA EDUCAÇÃO DESCONTEXTUALIZADA**

XINGUARA – PA
2005



FLAVIANA DE BARROS ATAIDE

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM XINGUARA:
IMPLICAÇÕES DE UMA EDUCAÇÃO DESCONTEXTUALIZADA**

Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do grau Licenciado Pleno em Pedagogia na Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Sul e Sudeste do Pará, Núcleo de Xinguara, orientado pela professora Alcione Sousa de Menezes.

Orientadora: Alcione Sousa Menezes

XINGUARA – PARÁ
2005

FLAVIANA DE BARROS ATAIDE

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM XINGUARA:
IMPLICAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO DESCONTEXTUALIZADA

Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do grau Licenciado Pleno em Pedagogia na Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Sul e Sudeste do Pará, Núcleo de Xinguara, orientado pela professora Alcione Sousa de Meneses.

Data de aprovação: __/__/__

Banca Examinadora:

Prof^a. Marizete Fonseca da Silva

Professora Mestra

Universidade Federal do Pará, Campus de Marabá, Colegiado de Pedagogia

Prof^a Alcione Sousa Meneses – Orientadora

Professora Graduada

Universidade Federal do Pará, Campus de Marabá, Colegiado de Pedagogia

DEDICATÓRIA

A minha querida mãe Malvina de Fátima Barros Oliveira, que dedicou grande parte de sua vida em trabalhar para que eu concluísse meus estudos.

A minha irmã Luciana de Barros Ataíde, por ter dado muito apoio para continuar estudando.

Ao meu companheiro Kleves Chanklê de Assis Vieira e minha filha Gabriela Luiza de Barros Vieira, pelo incentivo e compreensão nos momentos que estive ausente.

A minha caçula Eduarda de Barros Vieira, que esteve em meu ventre durante quase toda a realização deste trabalho.

Aos meus colegas de turma as quais compartilhei parte de minha vida.

Aos alunos da 1ª etapa, por ter sido muito atenciosos e dedicados em me fornecer parte de suas vidas.

A professora Hildete e ao Professor José Davi, quem devo a oportunidade de está agora terminando em curso superior, e por terem sido meus pais quando eles estavam ausentes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, por ter me dado força de continuar estudando mesmo com tantas dificuldades.

A minha mãe Malvina, por ter sempre me apoiado e incentivado.

A Dona Lourdes, Giro, Neuza e Marina, com quem tanto aprendi nos trabalhos em grupo.

A minha grande amiga e colega Junaira, que sempre foi tão importante nesses quase cinco anos de estudos.

A todos os meus professores que contribuíram de forma positiva na minha formação acadêmica, inclusive a Hildete e Davi, por terem sido muito mais que meus professores.

Uma das condições necessária para que nos tornemos um intelectual que não teme a mudança é a percepção e a aceitação de que não há vida na imobilidade. De que não há progresso na estagnação. De que, sou, na verdade, social e politicamente responsável, não posso me acomodar às estruturas injustas da sociedade. Não posso, traindo a vida, bendize-las (FREIRE, 2003, p. 88).

RESUMO

Este trabalho é um processo de sistematização da experiência de escolarização realizada no 1º Segmento (1ª etapa) de Educação de Jovens e Adultos em uma escola pública no município de Xinguara, onde fui orientada pela pergunta central: O professor consegue relacionar o cotidiano dos alunos com o que é ensinado em sala de aula, partindo do princípio de que se trata de trabalhadores/as que vivenciam experiências sócio-culturais e políticas que são de fundamental importância para a construção dos conhecimentos científicos desenvolvidos na escola? Nesse intuito, o pensamento de Freire e a teoria psicogenética de Emilia Ferreiro constituem o referencial teórico deste trabalho tendo em vista a contribuição de suas concepções teórico-metodológicas para uma visão transformadora que permitem ao educando desenvolver sua criatividade e autonomia advindo de suas experiências de vida. A metodologia foi desenvolvida dentro de uma abordagem qualitativa baseada nas concepções de Ludke e André. Em suma, com este trabalho pretendo mostrar uma análise da realidade educacional dos alunos de Educação de Jovens e Adultos no município de Xinguara, com o intuito de contribuir para uma prática docente mais condizente com a realidade sócio-cultural deste município.

SUMÁRIO

PRIMEIRAS PALAVRAS.....	8
1 A ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA FREIREANA E NA PSICOGENESE DA LECTO-ESCRITA SEGUNDO FERREIRO: UM DIÁLOGO POSSÍVEL PARA REFLETIR A DESCONTEXTUALIZAÇÃO ESCOLAR NA EJA.....	12
1.1A Alfabetização de Jovens e Adultos na visão Freireana.....	13
1.2-A construção da linguagem oral e escrita segundo Ferreiro.....	22
1.3-Pedagogia Freireana e Psicogênese da lecto-escrita: possibilidades teórico-metodológico de construção de uma educação descontextualizada.....	32
2 AS CONDIÇÕES EXISTENCIAIS DOS ADULTOS DA EJA, DA PROFESSORA E DA ESCOLA: IMAGENS E IMPLICAÇÕES EDUCATIVAS DA DESCONTEXTUALIZAÇÃO ESCOLAR.....	38
2.1-As condições existenciais dos alunos de EJA em Xinguara na 1ª Etapa da escola pesquisada.....	38
2.2-Characterização da prática docente da professora “C”.....	42
2.2.1-Organização do trabalho pedagógico.....	42
2.2.2-Formação docente – inicial e continuada.....	43
2.3- Caracterização do trabalho da Secretaria Municipal de Educação.....	45
3- O DISTANCIAMENTO ENTRE AS CONDIÇÕES EXISTENCIAIS DOS ALUNOS, A ATUAÇÃO DA PROFESSORA E DA ESCOLA: AS PRODUÇÕES COTIDIANAS DO SILENCIAMENTO CULTURAL E DA PASSIVIDADE SÓCIO-COGNITIVA.....	47
4- A VISÃO CRÍTICA DE UMA EDUCAÇÃO DESCONTEXTUALIZADA.....	66
REFERÊNCIAS.....	73
OBRAS CONSULTADAS.....	75
ANEXO I (entrevistas com alunos, professores e coordenadora da EJA.....)	76
ANEXO II (observações.....)	89
ANEXO III (apostilas didáticas utilizadas na EJA).....	112

PRIMEIRAS PALAVRAS

A escolha deste trabalho foi devido a minha experiência como educadora ao perceber o descaso em que se encontra a alfabetização de adultos por parte dos governantes, onde suas experiências de vida não são consideradas, reproduzindo assim o sistema social vigente.

Nesta experiência, me deparei com inúmeros pontos a serem estudados, porém optei por pesquisar a alfabetização descontextualizada de jovens e adultos tendo como base Paulo Freire e seus inúmeros trabalhos em torno da alfabetização de adultos e Emília Ferreiro devido a sua contribuição em torno de uma alfabetização contextualizada.

A descontextualização na educação, caracteriza-se pela não valorização dos conhecimentos prévios dos educandos, advindos de suas práticas sociais diárias, no processo ensino-aprendizagem, como também na forma mecânica de ensinar, onde a repetição de sílabas é a metodologia mais eficaz. Essa repetição de sílabas infantiliza a educação de jovens e adultos pois, obriga-os a soletrar palavras soltas, sem nenhum sentido, não os oportunizando construir-se como ser histórico que têm uma cultura, a qual não deve ser silenciada, e sim valorizada, para que estes jovens e adultos possam construir-se como pessoas cidadãs conscientes da possibilidade de transformação da realidade opressora em que vivem.

A pesquisa foi realizada em uma escola pública, localizada em um setor de chacareiros, onde podemos encontrar inúmeros jovens e adultos analfabetos. A

intenção desta pesquisa centra-se na análise do processo educativo dessa turma, atentando para a atuação pedagógica do/a professor/a e da Secretaria Municipal de Educação no que se refere a descontextualização dos princípios pedagógicos e metodológicos do trabalho na Educação de Jovens e Adultos.

Partindo do problema: O/A professor/a consegue relacionar o cotidiano dos alunos com o que é ensinado em sala de aula? Partindo ainda do pressuposto de que, tradicionalmente, a alfabetização tem sido encarada apenas como ato de ler e escrever fazendo com que educandos não encontrem nenhum vínculo com o que é ensinado na escola e o que é preciso para o seu di-a-dia, desconsiderando a prática sócio-cultural e produtiva dos jovens e adultos, é que levantei as seguintes hipóteses: “Com a falta de contextualização entre o que é ensinado na escola com o que é preciso para o seu dia-a-dia, os alunos de EJA acabam desistindo da escola antes mesmo de aprender a ler e a escrever; a atuação da coordenação pedagógica e da Secretaria Municipal de Educação não oferece nenhum suporte para a atuação docente.

O trabalho investigativo centrou-se nos seguintes objetivos: investigar e analisar criticamente as experiências da Alfabetização de Jovens e Adultos em uma escola pública no município de Xinguara; identificar a realidade sócio-cultural desses alunos; caracterizar a prática da Educação de Jovens e Adultos implementada pelo/a professor/a; verificar os materiais didáticos utilizados na Alfabetização de Jovens e Adultos.

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi realizada dentro de uma abordagem qualitativa, por nos fornecer oportunidades de conhecer o fenômeno

educativo no seu contexto histórico social. Então, a decisão de utilizar a pesquisa qualitativa como meio de obter informações para analisar os problemas levantados, me remeteu à escolha dos seguintes instrumentos para coleta de dados:

O primeiro utilizado foi a observação, devido à necessidade de acompanhar as experiências diárias dos educandos.

Na busca da caracterização, tanto dos alunos quanto da prática docente da professora, como também a atuação da Secretaria Municipal de Educação diante da Educação de Jovens e Adultos, utilizei a entrevista semi estruturada como segundo instrumento metodológico de pesquisa. Durante as entrevistas não foi utilizado gravador, pois os sujeitos da pesquisa se negaram a falar no aparelho, assim, procurei registrar as falas escrevendo-as.

Na finalização desta pesquisa fiz a análise dos dados obtidos comparando-os com os pressupostos teóricos que embasaram este estudo, a fim de orientar meu pensamento enquanto pesquisadora.

Este trabalho está sendo estruturado em quatro capítulos, que estão seqüenciados da seguinte forma: no primeiro capítulo encontram-se as principais concepções de Paulo Freire e Emília Ferreiro relacionados a descontextualização escolar na EJA. O segundo capítulo está dividido em três tópicos, no primeiro, apresento as condições existenciais dos alunos da EJA, no segundo faço uma análise da atuação docente da Professora "C" e no terceiro tópico apresento o trabalho da Secretaria Municipal de Educação diante da Educação de Jovens e

Adultos. No terceiro capítulo, faço uma reflexão em torno do trabalho da professora e da escola diante das condições existenciais dos educandos, por fim, no quarto capítulo, explico minhas conclusões a cerca do problema de pesquisa e dos dados da experiência analisada.

Vale ressaltar que este trabalho, apesar dos eventuais limites, possui informações e análise sobre uma determinada escola e seus sujeitos sociais em um contexto social e político específico do qual faz parte outras experiências de formação e escolarização de jovens e adultos, desta forma, a contribuição deste trabalho poderá efetivar-se quer seja pela reflexão que poderá suscitar quanto ao contexto e características da EJA no município, quer seja pelo auxílio a construção de novos trabalhos que venham complementar este primeiro ensaio.

1 A ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA FREIREANA E NA PSICOGÊNESE DA LECTO-ESCRITA SEGUNDO FERREIRO: UM DIÁLOGO POSSÍVEL PARA REFLETIR A DESCONTEXTUALIZAÇÃO ESCOLAR NA EJA

Em busca de analisar teoricamente a descontextualização da Educação de Jovens e Adultos no município de Xinguara, escolhi os teóricos Paulo Freire e Emília Ferreiro, devido as suas contribuições reflexivas em torno da leitura e da escrita, e assim, compreender o processo de ensino-aprendizagem na realidade da escola pesquisada.

O primeiro autor foi escolhido devido seus pensamentos em torno da prática educativa, sustentada pela libertação do sujeito como ser crítico-reflexivo; a segunda autora, devido suas contribuições em torno da lecto-escrita, mostrando que o educando elabora uma série de hipóteses, resultante tanto da vivência externa, como também de uma vivência interna que deve ser considerada pelos educadores.

Como o objetivo desse trabalho é investigar e analisar criticamente a experiência de alfabetização de jovens e adultos no município de Xinguara, com o intuito de verificar como essa alfabetização vem sendo vivenciada, levantei a seguinte problemática: O professor consegue relacionar o cotidiano dos alunos com o que é ensinado em sala de aula?

Diante desse objetivo e dessa problemática, a contribuição das concepções educativas e metodológicas de Emília Ferreiro e Paulo Freire esclarecem que a alfabetização é um processo contínuo e que deve ser trabalhada de forma significativa, onde a relação entre o saber científico e o saber do cotidiano dos

educandos deve ser considerado para que os mesmos consigam constituir-se em construtores do seu próprio conhecimento.

1.1 A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA VISÃO FREIREANA

O pernambucano Paulo Reglus Neves Freire, desenvolveu um método de alfabetização que revolucionou os programas de alfabetização de jovens e adultos de sua época alimentado por uma concepção pedagógica que estabelece um elo, de ligação entre as categorias histórica, política, economia e também conceitos de poder e cultura, com isso desenvolveu nos educandos o poder de criticar e buscar a transformação das relações de poder através de uma pedagogia libertadora.

A concepção pedagógica e o método de alfabetização pensados por Paulo Freire vai de encontro ao método tradicional, onde o/a educador/a – o dono do saber – trás consigo pronto todo um conceito de mundo imposto pelas classes dominantes, pois seguem detalhadamente os manuais e as cartilhas que não oferecendo a oportunidade aos educandos de discutir e refletir sobre as dimensões da realidade a qual estão inseridos e com isso reforça o silenciamento cultural imposto pelas classes dominantes, onde as categorias defendidas por Freire em sua pedagogia sejam analisadas, negando aos educandos sua vocação de humanizar-se, através de uma ação transformadora. Pensando nisso:

[...] Paulo Freire pensou em um método de educação construído em cima da idéia de um diálogo entre educador e educando, onde há sempre parte de cada um no outro, não poderia começar com o educador trazendo pronto, do seu mundo, do seu saber, o seu método e o material da fala dele (BRANDÃO, 1999, p. 20).

É nesse intuito que Paulo Freire escreve que o/a educador/a, primeiramente, deve discutir com os educandos seus anseios e suas perspectivas com relação à educação, para assim construir um conhecimento que esteja condizente com a realidade local e condições existências, sociais e cotidianas do sujeito, pois, para Freire a educação deve partir da realidade do educando por ser significativa e ter vínculo com suas experiências sócio-culturais.

Por isso mesmo, pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes dos educandos, sobretudo os das classes socialmente construídos na prática comunitária – mas também – discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses **saberes**¹ em relação com o ensino dos conteúdos [...] (FREIRE, 2004, p. 30).

Além de respeitar os saberes dos educandos é necessário que a alfabetização esteja engajada na formação de um cidadão socialmente político que tenha conhecimento dos seus direitos e deveres perante a sociedade, pois, só assim poderão criticar sabiamente o sistema social no qual estão inseridos e assim, através da sua consciência crítica, poder construir mudanças que caminhem para sua transformação. Para que isso aconteça é preciso melhorar a qualidade do ensino e propiciar aos educandos uma ação reflexiva na qual poderão ser transformadores do seu próprio destino e da comunidade na qual estão inseridos. Para isso é necessário:

Que a alfabetização tem que ver com a identidade individual e de classe, que ela tem que ver com a formação da cidadania, tem. É preciso, porém, sabermos, primeiro, que ela não é a alavanca de uma tal formação – ler e escrever não são suficientes para perfilar a plenitude da cidadania –, segundo, é necessário que a tomemos e a façamos como um ato político, jamais como um que fazer neutro (FREIRE, 2003, p. 58).

¹ Grifo meu. Saberes que Paulo Freire destaca como prática social dos alunos; corresponde as experiências socialmente construídas nos educandos

A formação de um cidadão crítico e consciente de sua prática política na sociedade requer uma educação que quebre de vez com esta pedagogia tradicional – “bancária” – a qual está cada vez mais presente nas nossas escolas, onde “[...] aprender é enfiar o saber-de-quem-sabe no suposto vazio-de-quem-não-sabe” (Brandão, 1999, 21), e assim, a alfabetização vai se tornando cada vez mais um ato mecânico sem nenhum vínculo com a realidade quais os educandos estão inseridos. Onde a, “[...] A memorização mecânica da descrição do objeto não se constitui em conhecimento do objeto” (FREIRE, 2003, 17).

A pedagogia de Paulo Freire preocupa-se com a transformação da estrutura social vigente e das condições existenciais dos educandos através da conscientização destes, enquanto ser social com poderes de transformar os limites de ordem econômica e cultural responsáveis pela sua exploração, diante de uma visão crítica da sua posição social construída por uma educação dialógica, e com isso buscar a reconstrução da democracia e de uma melhor qualidade de vida, não só para os “oprimidos” daquele momento, como também para futuras gerações, enquanto condição de possibilidade de superação de *situações-limites* a sua situação existencial.

Só assim a alfabetização cobra sentido. É a conseqüência de uma reflexão que o homem começa a fazer sobre sua própria capacidade de refletir. Sobre sua posição no mundo. Sobre o mundo mesmo. Sobre seu trabalho. Sobre seu poder de transformar o mundo. Sobre o encontro das consciências. Reflexão sobre a própria alfabetização, que deixa assim de ser algo externo ao homem, para ser dele mesmo. Para sair de dentro de si, em relação com o mundo, com uma criação (FREIRE, 1999, p.150).

Por isso, é que o conhecimento não é adquirido somente através da consciência, mas sim da interação desta consciência com o mundo, e é por isso que a comunicação entre os homens os faz construir-se como sujeito social em contato com um mundo concreto, pois só através da comunicação é que se pode compreender a educação como prática dialética de libertação e mudança onde,

[...] o processo de orientação dos seres humanos no mundo envolve não apenas a associação de imagens sensoriais, como entre os animais, mas, sobretudo, pensamento-linguagem; envolve desejo, trabalho-ação com transformador sobre o mundo, de que resulta o conhecimento do mundo transformado. Este processo de orientação dos seres humanos no mundo não pode ser compreendido, de um lado, de um ponto de vista puramente subjetivista; de outro, de um ângulo objetivista mecanicista. Na verdade, esta orientação no mundo só pode ser realmente compreendida na unidade dialética entre subjetividade e objetividade (FREIRE, p. 2002).

Por esse motivo, os educadores não podem fazer de suas aulas um simples ato de “domesticação” dos educandos, pois, os seres humanos são capazes de criar, recriar, transformar não só as coisas materiais como também a sua consciência de *ser e estar no mundo*, com sua linguagem criadora. Nesse sentido, é através do contato com o mundo real que os educandos conseguem desenvolver uma consciência crítica do que lhe é ensinado com a prática social que constitui as suas condições existenciais, e assim, conseguem fazer uma relação entre a “teoria-prática, reflexão-ação”, pois, “[...] é impossível conceber a conscientização de forma correta, como se ela fosse um mero passatempo intelectual, ou a constituição de uma racionalidade desgarrada do concreto” (FREIRE, 2002, 163).

Paulo Freire enfatiza que os educadores não podem desvincular os conteúdos programados da realidade dos educandos. Se a finalidade da educação é formar educandos críticos, deve-se estar sempre buscando conteúdos que sejam de relevância para os educandos, pois, enquanto a educação continuar sendo

“bancária”, onde os professores são os centros dos “saberes”, será impossível despertar nos educandos sua consciência crítica de transformação; por isso, o educador, não deve somente ensinar, mas estar sempre refletindo sobre sua prática, para transformá-la e poder desenvolver nos seus educandos um saber consciente, não apenas de *estar no mundo*, mas *estar com o mundo* e assim libertar-se dos opressores que os oprimem.

Por isso é que na formação permanente dos professores, o momento fundamental é a da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática (FREIRE, 2004, p. 39).

O/A educador/a pode estar tanto a serviço do oprimido, quanto do opressor; pode estar fazendo de seus alunos um depósito de saberes pré-elaborados, como também, pode estar em busca da potencialidade histórico-criativa dos seus educandos, por isso, a prática docente deve ser constantemente avaliada e discutida, para que ela não seja responsável por reforçar a permanência do sistema social vigente por constituir-se em silenciamento sócio-cultural dos educandos, de seus interesses e práticas sociais, mas sim agir de forma consciente, para que o processo educativo seja uma forma de interação do/a educador/a com os educandos, pois o/a educador/a como problematizador, pode propiciar aos educando uma visão crítico-reflexiva do mundo que o cerca, superando a educação bancária que está presente no nosso dia-a-dia.

Essa educação bancária reforça o silenciamento cultural imposto pelos grupos dominantes, via sujeição dos educandos que são sutilmente impedidos de refletirem sobre o que lhes é ensinado, bem como não expressar-se diante do

mundo e com isto, não buscar mudanças diante do sistema de exploração social e expropriação cultural em que vivem, por isso, superar a concepção bancária de ensino é de fundamental importância para que, tanto o/a educador/a quanto o educando, num trabalho de interação, utilizando um método ativo e dialogal, estará em permanente construção do saber, através de uma relação mútua de trocas, pois, “Desse modo, o educador problematizador re-faz, constantemente, seu ato cognoscente, na cognoscitividade dos educandos. Este, em lugar de serem recipientes dóceis, de depósitos, são agora investigadores críticos também (FREIRE, 2004, p. 69).”

A escola pública, como instituição, deve estar voltada para oportunizar aos educandos das camadas populares a superação das desigualdades sociais e assim, libertar-se da *cultura do silêncio* que reforça a submissão, a acomodação e a alienação; em suma uma educação voltada para as classes dominantes, produz um *antidiálogo* de imposição dos educadores sobre os educandos.

Nesse sentido o/a educador/a não pode conceber uma posição neutra perante sua realidade, porque assim estará reforçando o silenciamento cultural e negando o seu verdadeiro compromisso social, que é o de, construir uma prática problematizadora, na qual os educandos vão desenvolvendo a capacidade de compreender o mundo, tal como a realidade se processa.

Paulo Freire considera o diálogo como uma forma de conceber a educação problematizadora, pois é através do diálogo que o/a professor/a começa refletir

sobre os conteúdos programáticos e assim, se questionar sobre os conteúdos que irão apresentar aos educandos, porque

Para o educador-educando, dialógico problematizador, o conteúdo não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos – mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada (FREIRE, 2004, p. 83-84).

Para Freire, “ensinar não é transferir conhecimento”, mas sim possibilitar aos educandos, construir seus próprios conhecimentos como seres históricos.

Observa-se, que o desenvolvimento da aprendizagem não se dá em uma situação restrita e isolada, pois, “A alfabetização se faz, então, um quefazer global, que envolve os alfabetizados em suas relações com o mundo e com os outros” (FREIRE, 2002, p. 23).

Nesse sentido, os educadores não podem ver a alfabetização de jovens e adultos apenas como um ato de repetição de sílabas, mas com um ato de conscientização política dos educandos, e de sua situação no mundo, assim como sua possibilidade de transformá-lo, como ser sócio-cultural.

No que se refere aos materiais didáticos para a alfabetização, Paulo Freire critica o uso da cartilha, por limitar a expressão e a criatividade dos educandos, por se tratar de um “saber abstrato” que na maioria das vezes não tem nenhum vínculo com a experiência existencial do alfabetizando, além disso, reforça a ideologia dominante, pois, sempre apresenta

Textos, de modo geral, ilustrados com casinhas simpáticas, acolhedoras, bem decoradas, casais risonhos, de faces delicadas, às vezes e quase sempre brancos e louros; crianças bem nutridas bolsinhas a tira-colo, dizendo adeus aos papais para ir à escola, depois de um suculento café da manhã [...] (FREIRE, 2002, p. 17).

Dessa forma, como podemos formar educandos criticamente políticos se o material didático está. “[...] reforçando o ‘silêncio’ em que se acham as massas populares dominadas pela prescrição de uma palavra vinculadora de uma ideologia de acomodação, não pode jamais em um tal trabalho constituir-se como um instrumento auxiliar da transformação da realidade” (FREIRE, 2002, p. 17).

Paulo Freire enfatiza ainda a alfabetização como fundadora da prática social onde participa tanto o educando quanto o/a educador/a, e é nessa prática social que ambos podem discutir os problemas existentes na comunidade, e assim, propor temas geradores relevantes para os educandos, considerando suas necessidades, suas construções culturais e seus projetos de vida.

[...] enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer ação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular sua criatividade e a sua responsabilidade na construção da sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem. [...] Como eu, o analfabeto é capaz de sentir a caneta, de perceber a caneta e de dizer caneta (FREIRE, 2003, p.19).

É importante que durante as discussões em sala de aula, os alfabetizadores não coloquem sua verdade como absoluta, mas construa com os alfabetizados um conhecimento do seu universo lingüístico e a partir daí organizem os conteúdos programáticos de acordo com os temas geradores discutidos, pois, é importante que os textos de análise dos alfabetizados, não venham prontos, mas sejam construídos por eles. no intuito de desenvolver sua autonomia e senso crítico

Assim sendo, o método de Paulo Freire embasado em uma Pedagogia Libertadora, propiciará a oportunidade de eximarmos das escolas esse método de alfabetização onde ensina simplesmente ler e escrever sem levar em consideração o processo de relação do mundo com as palavras, mas sim a repetição de sílabas soltas

Por essa razão é que para a concepção crítica da alfabetização, não será a partir da mera repetição mecânica de pa – pe – pi – po – pu, la – le – li – lo – lu, que permitem formar pula, pêlo, lá, li, pulo, lapa, lapela, pílula etc. que se desenvolverá nos alfabetizados a consciência de seus direitos, como sua inserção crítica na realidade. Pelo contrário, a alfabetização nesta perspectiva, que não pode ser a das classes dominantes, se instaura como um processo de busca, de criação, em que os alfabetizados são desafiados a perceber a significação profunda da linguagem e da palavra (FREIRE, 2002, p. 18)

.Daí que, compreender a *significação profunda da palavra* é compreender o mundo em que vive, não apenas como espectador, mas como agente transformador, e por isso, deve-se quebrar essa cultura do silêncio imposta pela classe dominante, onde a superação está através da conscientização de *ser e estar no mundo e com o mundo*.

O processo de alfabetização deve ser visto como meio de conscientização dos indivíduos no contexto social, por isso, os educandos devem ser considerados como seres ativos construtores de seu conhecimento a partir do diálogo com o mundo que o cerca. Nesse sentido, o papel do/a educador/a é de fundamental importância, pois, orientará situações possibilitadoras de novas descobertas em torno do *ato de ler e escrever* no contexto o qual os educandos estão inseridos.

Para ser um ato de conhecimento o processo de alfabetização de adultos demanda, entre educadores e educandos uma relação de autêntico diálogo. Aquele em que os sujeitos do ato de conhecer (educador-educando; educando-educador) se encontram mediatizados pelo objeto a ser conhecido. Nesta perspectiva, portanto, os alfabetizados assumem, desde o começo mesmo da ação, o papel de sujeito criador (FREIRE, 2002, p. 58-59).

A alfabetização de jovens e adultos deve ser entendida como uma *Ação Cultural para a Liberdade* que visa à construção do mundo *com* os oprimidos não *para* os oprimidos, pois, à “[...] libertação não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca, pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela” (FREIRE, 2004, p. 31) e assim “[...] expulsarão os opressores não apenas enquanto presença física, mas também enquanto sombra mítica, introjetadas nele” (FREIRE, 2002, p. 65).

Freire coloca ainda a existência de uma sociedade alienada, marcada pelo silenciamento cultural imposto pelas classes dominantes, as quais não fazendo nenhuma reflexão crítica sobre a marginalização vivenciada, acabam por assumir um papel de passividade diante das condições que a sociedade lhes oferece. Essa concepção de sociedade deve ser substituída por uma sociedade desalienada, capaz de compreender o mundo tal como a realidade se processa, e assim, superar através de uma ação reflexiva a falsa consciência de mundo imposta pelas classes dominantes, pois, a finalidade da pedagogia libertadora é a ação cultural crítica na qual se busca superar a relação de poder sócio-econômico entre opressores e oprimidos.

1.2 A CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA SEGUNDO EMÍLIA FERREIRO

Na concepção interacionista a aprendizagem ocorre na interação entre o organismo e o meio, num processo de permanente construção. Por isso, Piaget² percorreu caminhos das ciências naturais para explicar como se procede o desenvolvimento da inteligência, criando uma teoria de base psicogenética que serviu de apoio à várias teorias no campo da educação.

Os estudos de Piaget foram baseados nas raízes biológicas do desenvolvimento intelectual, descrevendo que o desenvolvimento cognitivo é um processo de equilíbrio³ constante, através da acomodação⁴ e a assimilação⁵, visando à adaptação⁶ do indivíduo ao mundo exterior, porém quando ocorre um desequilíbrio, entra em operação a equilíbrio majorante que consiste em estratégias elaboradas pelos indivíduos visando a sua integração ao meio.

A busca dessa integração do indivíduo ao meio através da equilíbrio, remete o indivíduo a vários estágios do desenvolvimento mental, que são: período sensório-motor⁷, período pré-operacional⁸, período das operações concretas⁹ e período das operações formais¹⁰.

² Jean Piaget, nasceu em Neuchâtel (Suíça) em 09/08/1996 e morreu em Genebra em 16/09/1980 – Escreveu que o desenvolvimento da inteligência se faz de forma gradual e, que as estruturas do pensamento devem estar preparadas para a assimilação do conhecimento (Gênese da estrutura).

³ Esse processo define as regras de transição que dirige o movimento o qual vai de um estágio a outro dentro do desenvolvimento.

⁴ Implica, alterações nos significados já constituídos pelo indivíduo, para compreender objetos que não podem ser compreendidos sem esta ampliação.

⁵ Interpretação de algo da realidade externa por algum tipo de significado já existente na organização cognitiva do indivíduo.

⁶ Ato, onde há uma organização de ações inteligente de apreensão da realidade de forma equilibrada.

⁷ Estágio que vai de 0 a 2 anos, ou até a aquisição da linguagem. É quando uma criança tem uma inteligência essencialmente prática.

⁸ Estágio que vai de 2 a 7 anos. A criança faz leituras incompletas da realidade, priorizando alguns aspectos em detrimento do outro, não recebe relações e é centrada em si mesma.

⁹ Estágio que vai de 7 a 12 anos. A criança começa a pensar de forma mais organizada e sistemática.

¹⁰ Estágio que vai de 12 a 15 anos. Onde o adolescente consegue realizar operações lógico-formais, liberando o pensamento infantil do concreto, em proveito dos interesses orientado para o abstrato (cf. Goulart 2003)

A construção e a organização do trabalho da psicopedagoga argentina Emília Ferreiro é embasada nas teorias de Jean Piaget, porém, ela foi mais além, pois aborda as concepções infantis sobre a língua escrita. Para esta autora, a leitura e a escrita são sistemas simbólicos de representação da realidade, por fazer parte da prática cotidiana do educando e seus esforços intelectuais para a compreensão das construções culturais em que este vai entrando em conflito cognitivo frente à realidade não imediatamente compreensível e, ao mesmo tempo, vai construindo suas hipóteses¹¹ a fim de adaptar-se à realidade e ao mundo cultura, construindo com isto seus saberes e conhecimentos.

Guiado pela hipótese de que todos os conhecimentos supõem uma gênese, preocupamos-nos em averiguar quais são as formas iniciais de conhecimento da língua escrita e os processos de contextualização resultantes de mecanismos dinâmicos de confrontação entre as idéias próprias do sujeito, de um lado, e entre as idéias próprias do sujeito e a realidade do objeto de conhecimento, de outro (FERREIRO, 1999, p. 273).

Sendo assim, Emília Ferreiro, em suas extensas produções teóricas, questiona o processo tradicional de educação e demonstra o percurso comum percorrido por todas as crianças no processo de aquisição da leitura e da escrita, respeitando sempre o repertório com que esta chega à escola e descrevendo os critérios infantis para abordar a escrita.

O trabalho realizado por Emília Ferreiro com a colaboração de Ana Teberosky¹², descreve o processo de leitura e escrita a partir de quatro hipóteses que são:

¹¹ Conjecturas construídas para antecipar possíveis soluções a um problema ou para o estabelecimento de relações entre fatos, que permitem também prever a ocorrência de outros fatos semelhantes (cf. Azenha, 1995).

¹² Doutora em psicologia e docente do Departamento de Psicologia Evolutiva e da Educação da Universidade de Barcelona (Cf. Revista Nova Escola, novembro de 2005).

Hipótese pré-silábica: concepção infantil construída para compreender a representação realizada pela escrita. Consiste em conceber a escrita como não relacionada à expressão dos sons da linguagem; **Hipótese silábica:** conceito construído pela criança para estabelecer a forma de como se dá a relação e a expressão do som da linguagem falada. Consiste em compreender esta relação e como se cada marca escrita ou letra fosse o registro de uma sílaba oral; **Hipótese silábico-alfabética:** concepção construída pela criança para tentar superar a escrita silábica. Consiste no uso simultâneo da hipótese silábica e alfabética, no registro de uma mesma palavra ou na escrita de uma série de palavras, com alternância dessas duas concepções da escrita; **Hipótese alfabética:** concepção segundo a qual a escrita deve realizar o registro dos fonemas da língua oral. Dessa forma, para o registro de uma sílaba oral, utiliza-se mais de uma letra (FERREIRO apud AZENHA, 1995, p. 104).

Essas hipóteses demonstram as estratégias utilizadas pelos educandos para a compreensão da leitura e da escrita enquanto contribuições culturais, que devem ser respeitadas e analisadas como a primeira tentativa de escrita pois

As tentativas de interpretação e da produção da escrita começam antes da escolarização, como parte da atividade própria da idade pré-escolar, a aprendizagem se insere (embora não se separe dele) em sistema de concepção previamente elaborado, e não pode ser reduzido a um conjunto de técnicas perceptivo-motoras (FERREIRO, 1991, p. 42-43).

Como o objetivo central de Emília Ferreiro é analisar a assimilação da leitura e da escrita a partir das hipóteses já mencionadas, fazendo sempre uma relação dentro e fora do contexto escolar, ela critica pontualmente o método tradicional de ensino que não valoriza os conhecimentos prévios dos educandos e da sua capacidade de compreender a lógica interna da língua escrita enquanto construção cultural, transformando-os em meros reprodutores de "signos estranhos". Segundo Ferreiro:

O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças. Quando tentam compreender elas necessariamente transformam os conteúdos recebidos. Além do mais, a fim de registrarem a

informação, elas a transformam. Este é o significado profundo da noção de assimilação que Piaget colocou no âmago de sua teoria (2004, p. 22).

Com sua abordagem teórica, Ferreiro destaca algumas propostas fundamentais que devem ser consideradas no processo de alfabetização como: "Restituir [aos educandos] sua língua escrita e seu caráter de objetivo social" (2003, 44), através da qual o/a educador/a possa despertar nos educandos a importância da língua escrita, como meio de conhecer a realidade como também se comunicar com as outras pessoas, pois "[...] desde o início (inclusive na pré-escola) se aceita que todos na escola podem produzir e interpretar a escrita, cada qual a seu nível" (FERREIRO, 2003, p. 45).

Partindo desse princípio, valoriza-se a heterogeneidade dentro da sala de aula, pois, no momento que os educandos confrontam suas produções gráficas, eles constroem discussões sobre essas produções e assim "Permite-se e estimula-se que as crianças tenham interação com a língua escrita, nos mais variados contextos" (FERREIRO, 2003, p. 45). Isto significa que o professor vai estimular os alunos a pesquisarem os mais variados tipos de textos, buscando suas semelhanças e diferenças e assim, descobrir que a oralidade pode ser construída da leitura, ou mesmo da expressão sem leitura.

Outra proposta destacada por Emília Ferreiro é que deve "[...] permitir-se o acesso o quanto possível à escrita do nome próprio" (2003, p. 46), devido os nomes próprios serem a escrita de maior acesso aos educandos, pois estão sempre presentes no seu dia-a-dia, e assim, poder assimilar as diferentes expressões gráficas que podem ter os nomes. Nesse sentido, não devemos supervalorizar a

inicia bem antes da chegada da criança ao ambiente escolar, por isso, não se deve pedir, de imediato, correção gráfica nem correção ortográfica, porque a correção inibe a expressão tanto oral quanto escrita do educando, desta maneira a correção deve ser interpretada pelo educador como forma de diagnosticar a aprendizagem do educando.

Observa-se também a preocupação de Ferreiro quanto ao professor alfabetizador que deve ser visto como mais importante no sistema escolar. Sobre isto Ferreiro comenta:

O professor alfabetizador está muito só em vez de ser considerado como o professor mais importante de toda a escola primária, é considerado como aquele que realiza o trabalho menos técnico e que qualquer outro poderia fazer [...]. É o professor com as salas mais superlotadas, de quem se espera um grande espírito de sacrifício uma atitude "muito maternal [...]" e muita paciência em troca de uma baixa remuneração e muito pouco apoio intelectual" (2003, p. 51-52).

Dessa forma, se torna cada vez mais impossível conceber a construção da linguagem escrita em um ambiente totalmente desvinculado de um contexto crítico e criativo por não valorizar o saber do educando, que não desperta neles o gosto pelo saber, dado ser a escola um ambiente burocrático, não possibilitando acesso dos educandos à língua escrita que se torna tão importante na construção do seu conhecimento, dificultando assim, a aprendizagem dos educandos, como coloca Emília Ferreiro:

O problema é que a escrita é antes de tudo a representação da linguagem, e tudo o que a afaste da linguagem, convertendo-o em uma seqüência gráfica sem significado, a deforma até caracterizá-la. Em última instancia não se está apresentando à criança o real objeto da aprendizagem, mas um substituto caricaturesco (2003, p. 35).

Por isso, os livros como cartilhas e manuais são tão criticados por Emília Ferreiro, pois, fazem do aluno um mero reprodutor das estruturas sociais vigentes, e assim, construtores de uma linguagem sem sentido, dificultando a aprendizagem contextualizada. Sobre isso Ferreiro comenta:

[...] Por mais bem-intencionados que sejam os manuais ou cartilhas, eles introduzem sempre um elemento de rigidez na aprendizagem, que dificulta a necessária adaptação às exigências individuais e grupais. Pelo simples fato de apresentação (ainda que não recomende), e como são produzidos em centros urbanos com capacidades econômicas para fazê-los, é difícil que levem em conta variantes dialetais e regionais dentro de um mesmo país (2003, p. 35).

Dessa forma, os manuais e as cartilhas, acabam por destruir toda uma compreensão de mundo que os educandos construíram antes de sua chegada à escola, transformando esse conhecimento numa simples *memorização conceitual*.

Com base nas pesquisas realizadas por Emília Ferreiro, pode se observar que antes da descoberta das hipóteses as primeiras escritas dos educandos eram consideradas como um mero rabisco, sem nenhum vínculo com a realidade, pois se pensava que a escrita só se iniciava no âmbito escolar. Ferreiro coloca que:

No caso do desenvolvimento da leitura-e-escrita, a dificuldade para adotar o ponto de vista da criança foi ao grande que ignoramos completamente as manifestações mais evidentes das tentativas infantis para compreender o sistema de escrita: as produções escritas das próprias crianças. Até a poucos anos as primeiras tentativas de escrever feita pelas crianças eram consideradas meras garatujas, como se a escrita devesse começar diretamente com as letras convencionais bem traçadas. Tudo o que ocorria antes era simplesmente considerado como tentativa de escrever e não como escrita real (1991, p. 68).

Dessa forma, o conhecimento prévio do educando apresentado durante o processo de construção da lecto-escrita deve ser considerado como hipótese de leitura e escrita anteriores à compreensão alfabética da escrita que acompanha o educando, por ser fruto de suas experiências anteriores, porque "[...] Na medida em que a escola primária continuar expulsando¹³ grupos consideráveis de crianças que não consegue alfabetizar, continuará reproduzindo o analfabetismo dos adultos (FERREIRO,2003, p.16).

Por isso, a escola precisa ser uma instituição que desenvolve e concretiza o processo ensino aprendizagem, buscando sempre relacionar seus conteúdos com o mundo, pois, só assim, a educação passa a ser significativa para quem aprende. Sobre isso Ferreiro afirma:

É preciso destacar a defasagem produzida entre uma definição escolar de alfabetização ridiculamente restrita e o que está acontecendo fora da escola. Enquanto se sustenta essa visão graduada dos conteúdos não se chegará nunca a cobrir esse tipo de exigência, porque nem sequer estamos em condições de graduá-los (2001, p. 128).

A escola está ficando defasada por não estar acompanhando as mudanças do mundo letrado, deixando cada vez mais os educando a margem da sociedade, pois, mesmo que aprendam a ler de forma mecânica, não conseguem colocar em prática o que foi aprendido devido a essa instituição conservadora não aceitar que a alfabetização está em crise.

¹³ Emília Ferreiro coloca a palavra expulsando no sentido de repetência, evasão produzidas pela tradição epistemológica da escola.

Ferreiro tem uma grande preocupação com a alfabetização mecânica tanto das crianças como a dos adultos, porque esta educação mecânica institui que o educando deve aprender simplesmente os conteúdos programáticos; nega com isto a possível prática de ir além dos muros das instituições, considerando os conhecimentos dos educandos advindos de suas experiências de vida, pois esse conhecimento é o que facilita o processo da construção da lecto-escrita, por criar representação sobre a mesma que devem ser aprimorados na escola, pois,

[...] todo indivíduo, não somente adultos, mas crianças também, por mais analfabeto que seja, se vive em uma cultura letrada, pode antecipar algo sobre o que se escreve e como se escreve e estabelece uma fronteira muito clara entre o que pertence ao domínio oral e o que é do domínio escrito (2001, p. 133).

Mesmo assim, a escola insiste em trabalhar de forma gradual, no sentido de aplicar uma educação “à conta gotas”, seguindo apenas o planejamento escolar sem oportunizar os alunos ir além do que está sendo ensinado na sala de aula, e assim, criando uma ambiente à parte da prática social dos educandos, desconsiderando a sua vida cotidiana, acreditando num método eficaz de repetição de sílabas. Tal tradição escolar leva Ferreiro a escrever uma dura crítica a esse ensino “à contas gotas” por não valorizar o todo, mais sim as partes sem significado:

O quadro negro é o espaço para se colocar algo que se quer focar fora de contexto. Não sou contra o quadro-negro como objeto. Digo que quando este é o único espaço onde se produz a escrita, onde se fixa a atenção sobre a escrita produz-se, por definição, uma escrita que se pretende descontextualizada, porque o quadro-negro é um espaço para criar um contexto neutro, um “não-contexto” (2001, p. 107).

A partir destas críticas, Ferreiro aponta algumas alternativas para uma educação menos deficitária, onde o/a educador/a respeite os limites de cada educando e seja o professor o propiciador de um ambiente favorável, onde o processo ensino-aprendizagem não seja visto como uma fórmula pronta e acabada, sem dar oportunidades para a concretização de uma educação preocupada com a formação desse indivíduo, na dimensão ideológica. Por isso, a formação do educador é de fundamental importância na construção de um ensino aprendizagem significativo.

[...] um componente que me parece importante é a convicção de que a aprendizagem do professor não termina com a obtenção do diploma. É indispensável que continue tendo vontade de aprender e curiosidade por saber de que maneira as coisas acontecem em sua sala de aula, que se anime a experimentar coisas sem ter estereótipos como referências (FERREIRO, 2001, p.123).

A experiência do professor como propiciador do processo ensino aprendizagem o possibilita desenvolver um ensino comprometido com a significação dos conteúdos através de sua apropriação de forma contextualizada, fazendo sempre a relação do que é ensinado com a realidade extra-escolar, e assim, dando oportunidade para que

A alfabetização passa a ser umas tarefas interessantes, que dá lugar a muitas reflexões e a muitas discussões em grupo. A língua escrita se converte num objeto de ação e não de contemplação. É possível aproximar-se dela sem medo, porque se pode agir sobre ela, transforma-la e recriá-la. É precisamente a transformação e a recriação que permitem uma real apropriação (FERREIRO, 2003, p. 47).

Partindo do pressuposto de que o processo ensino-aprendizagem se concretiza na interação do sujeito com outro sujeito onde a aprendizagem da leitura

e da escrita se concebe de forma gradual, é necessário termos conhecimento da psicogênese para garantir um ensino-aprendizagem significativo, respeitando os níveis de conhecimento de cada educando, pois qualquer prática pedagógica está apoiada no modo de como se concebe o processo ensino aprendizagem, articulado ao porquê do processo de ensino aprendizagem, conferindo-lhe um caráter eminentemente político.

1.3 PEDAGOGIA FREIREANA E PSICOGÊNESE DA LECTO-ESCRITA: POSSIBILIDADES TEÓRICO-METODOLÓGICOS DE CONSTRUÇÃO DE UMA ALFABETIZAÇÃO CONTEXTUALIZADA

A proposta de estudar a descontextualização da alfabetização de jovens e adultos no município de Xinguara especialmente no que se refere à importância de seus saberes cotidianos como base para o desenvolvimento dos saberes científicos ensinados na escola, na qual a teoria de Freire nos fornece uma explicação primordial, pois os educandos só tomam consciência de sua importância como seres-reflexivos no instante em que a educação deixa de ser vista como mera repetição de sílabas sem nenhum significado, passando a ser uma educação que possibilite a emancipação dos educandos onde o silenciamento cultural seja superado por uma práxis criativa e política, valorizando os saberes historicamente construído e acumulado pela humanidade, com intuito de compreender a si mesmo como sujeito histórico capaz de intervir na sua realidade sócio-cultural no sentido de transformá-la a partir de novas relações sociais e econômicas.

Ferreiro não se distancia do pensamento de Freire; o complementa com suas reflexões acerca da psicogênese ao esclarecer os processos endógenos¹⁴ de construção da aprendizagem pelo/a aluno/a, indissociada, tal construção, dos fatores sócio-culturais. Para Ferreiro o educando é um ser ativo, por construir seu próprio conhecimento a partir da experimentação do mundo que o cerca, formulando hipóteses sobre o que foi observado e compreendido. Esta autora postula que a educação começa antes mesmo da escola e tudo que ocorre fora dela deve ser considerado, pois, a compreensão da escrita se dá na interação do sujeito com o mundo.

Com isto Ferreiro construiu idéias sobre o fazer educativo as quais têm convergência com as formulações de Freire, uma vez que os processos endógenos da aprendizagem não estão dissociados dos processos externos, a saber, os fatores sociais e políticos; ao contrário as formas internas de construção cognitiva, são permeadas pelos conteúdos latentes veiculados pelas informações utilizadas pelos educandos na construção de suas representações sobre a escrita, constituindo assim os mesmos enquanto indivíduos pela prática social por eles internalizada.

Saber como ocorre o processo de alfabetização dos educandos é de fundamental importância no processo de ensino aprendizagem. Freire demonstra como o educando aprende, quando há uma relação entre o que é ensinado na escola com as situações do cotidiano social destes educandos, e o professor tem o papel de auxiliar o/a aluno/a na construção de novos conhecimentos a partir da problematização de suas situações vivenciadas, fornecendo aos educandos a

¹⁴ Relacionado aos fatores internos do sujeito da aprendizagem (de suas estruturas cognitivas) (Cf. Azenha, 1995).

capacidade de pensar na sua posição de *ser e estar no mundo* de forma crítica e reflexiva.

Ferreiro tem concepções semelhantes quanto ao papel da educação que deve ser trabalhada dentro de um contexto. Esta autora enfatiza que o desenvolvimento da alfabetização acontece dentro de um ambiente social o qual possibilita aos indivíduos construir hipóteses sobre o conhecimento e os saberes; Paulo Freire não se distancia desta linha de pensamento quando pensa na educação como um meio de transformação social através da formação de um cidadão crítico e consciente que se constitui na interação com o mundo. Segundo Ferreiro:

Estamos tão acostumados a considerar a aprendizagem da leitura e escrita como um processo de aprendizagem escolar que se torna difícil reconhecermos que o desenvolvimento da leitura e da escrita começa muito antes da escolarização (1991, p. 64).

Freire declara: "A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela" (2003, p.11).

Apesar do trabalho de Emília Ferreiro ter sido a cerca da psicogênese da linguagem escrita, há uma aproximação das idéias destes dois autores, como podemos perceber nas citações acima, pois tanto Emília Ferreiro como Paulo Freire compartilham da idéia de que para se ensinar é preciso considerar o saber do educando advindo de suas experiências de vida, e defendem a autonomia do mesmo a fim de que a escolarização se dê como formação ou prática cultural.

Na concepção de Ferreiro: "O modo tradicional de se considerar a escrita infantil consiste em se prestar atenção apenas nos aspectos gráficos¹⁵ dessas produções ignorando os aspectos construtivos¹⁶" (1991, p. 18).

Paulo Freire apresenta uma idéia semelhante: "Aprender a ler e a escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem" (2002, p. 59).

Freire dedicou-se a demonstrar através de seus escritos, como o sujeito poderia libertar-se da opressão através da construção de uma consciência que o levaria a reconhecer a si mesmo como sujeito histórico, capaz de intervir na sua realidade para transformá-la a partir de sua atitude crítica diante suas experiências no mundo.

Nesse sentido, tanto Freire quanto Ferreiro, nos demonstram uma preocupação em mudar a forma como a alfabetização há muito tempo está sendo praticada nas escolas, a fim de formar um indivíduo consciente e para isso é necessário que o/a educador/a seja capaz de rever a sua prática, para garantir uma aprendizagem contextualizada, sem deixar passar as dimensões político-ideológicas presentes na ação educativa.

¹⁵ Tem a ver com a qualidade do traço, a distribuição espacial das formas, a orientação predominante (Cf. Ferreiro, 1991).

¹⁶ Tem a ver com o que se quis representar e os meios utilizados para criar diferenciações entre as representações (Cf. Ferreiro, 1991).

Há no pensamento de Freire e de Ferreiro, a cerca de uma educação ideal, princípios pedagógicos aproximados, pois, constroem concepções teóricas e metodológicas a cerca da possibilidade de um aprendizado significativo e autônomo. Ferreiro quando aponta a importância de considerar os conhecimentos prévios dos alunos no que se referem às suas experiências anteriores, aproxima-se ao pensamento de Freire, quando este defende o respeito que os educadores devem ter com o conhecimento dos educandos e denuncia a educação bancária.

É possível convergir os pensamentos de Freire e Ferreiro na construção de um ideal de educação, apontando um processo ensino-aprendizagem de forma contextualizada: Freire, quando aponta em suas obras uma educação como prática de liberdade que tem o compromisso com a transformação social das escolas brasileiras, visando à destruição das estruturas opressivas internas e externas e com isso desalienando os indivíduos que têm suas consciências dominadas pelos opressores; Ferreiro, quando descreve a construção da linguagem escrita através de hipóteses demonstrando o desenvolvimento cultural de uma escrita contextualizada.

A superação da educação opressora, domesticadora, só ocorrerá, quando a relação professor-aluno for *dialógica*, sem imposição, onde ambos poderão *dizer a palavra*, nos seus aspectos mais restritos e nos mais amplos, denunciando, criticando, refletindo e opinando por uma educação de qualidade, apresentando conteúdos significativos.

As concepções teórico-metodológicas de Freire e Ferreiro constituem uma educação voltada para um desenvolvimento de uma aprendizagem significativa, negando qualquer resquício da educação tradicional. Freire quando apresenta um

método de alfabetização voltada para a libertação humana, através da construção de uma consciência de classe pelos oprimidos, e Freire quando apresenta o desenvolvimento da linguagem escrita de forma significativa considerando os conhecimentos prévios dos educandos. Dessa forma o pensamento de Freire e Freire, apresenta proposta de como desconstruir o silenciamento cultural e assim, desenvolver nos educandos um conhecimento crítico-reflexivo.

Os pensamentos de Freire e Freire unidos nos fornecem um rico material para analisarmos os trabalhos descontextualizados realizados por professores de alfabetização de jovens e adultos sem considerar suas ricas experiências de vida. Estes autores indicam e explicam como se pode atuar em sala de aula, no intuito de possibilitar uma educação que auxilie a construção da consciência crítica dos indivíduos constituindo-se como um ser histórico, capaz de compreender as *situações-limites* em que os educandos e a escola encontram-se e, assim, compreender o papel da educação para suas vidas.

2 AS CONCEPÇÕES EXISTENCIAIS DOS ALUNOS DA EJA, DA PROFESSORA E DA ESCOLA: IMAGENS E IMPLICAÇÕES EDUCATIVAS DA DESCONTEXTUALIZAÇÃO ESCOLAR

2.1 AS CONDIÇÕES EXISTENCIAIS DOS ALUNOS DE EJA EM XINGUARA NA 1ª ETAPA DA ESCOLA PESQUISADA

A escolha da escola pesquisada em detrimento de outras, deu-se em função de localizar-se entre dois setores afastados do centro da cidade com especificidades sócio-produtiva, onde podemos encontrar um grande número de trabalhadores/as que são semi-analfabetos/as. A turma de 1ª etapa pesquisada, era composta por doze (12) alunos, destes doze, foram feitas entrevistas com seis (6), por estes estarem iniciando o processo de alfabetização.

Os seis alunos entrevistados são provenientes, em grande maioria, de cidades dos estados da região nordeste¹⁷, fato que é comum aos outros alunos da turma e da escola. Considerando o grande índice de pessoas que migraram do nordeste em busca de melhores condições de vida, fica evidente que esse percentual de pessoas mudou-se para essa região na época da expansão econômica da mesma através dos garimpos que foram, por muito tempo, um atrativo de migrantes para o sul e sudeste do Pará.

Observa-se hoje que essas pessoas vivem em situação de pobreza nesses setores, onde o trabalho doméstico, o trabalho como servidores públicos ou mesmo a aposentadoria não lhes possibilitam uma renda suficiente para o sustento da família. Considerando as suas condições existenciais, estes jovens e adultos vêem na escola uma saída para conseguirem um salário mais digno e, na maioria das

¹⁷ 58% do estado do Maranhão, 17% do estado de Pernambuco, 17% do estado do Ceará e 8% do estado do Pará.

vezes, a vêem também como um espaço de socialização, pois, a única forma de se sociabilizarem é na escola, ou nas igrejas (comunidades), como podemos observar nas falas das alunas.

Porque a professora me chamou, aí eu fico aqui. Eu, sabe, vou estudar, eu vou menos me enterte (aluna F).
Porque agora precisa, porque a gente sem leitura é difícil trabalhar (aluna I)

Nota-se ainda que essa turma é composta na sua maioria¹⁸ por mulheres trabalhadoras que vêem a escola como um meio de adquirir conhecimento, e assim, melhorar de vida, pois, estão cada vez mais em busca de conhecimento, como podemos observar nas falas de algumas alunas:

Aprender para trabalhar num serviço melhor [...] consegui um serviço bom pra gente (aluna J).
Que eu quero aprende a lê ... (aluna C).
Eu espero aprender a lê... (aluna I).

Apesar de a escola ter aberto vagas para pessoas de dois setores específicos (Chácara e Marajoara) e de ter disponibilizado professores para conversarem com alunos de casa em casa a fim de convencê-los a matricular-se, não conseguiram um grande número de alunos do sexo masculino, inclusive alunos horticultores do setor Chácaras, por na sua maioria ser responsável pelo sustento de sua família e conseqüentemente reservarem todo o tempo ao trabalho.

Observando a idade dos alunos pesquisados, constatei também serem educandos que estão em idade socialmente produtiva e são trabalhadores/as que possuem famílias e mesmo assim continuam estudando e querem sempre mais

¹⁸ 75% sexo feminino. 25% sexo masculino.

adquirir conhecimentos formais apesar das dificuldades, como podemos constatar nos relatos abaixo, quando foram perguntados: "Quais as dificuldades que você encontra hoje em continuar estudando?". As respostas obtidas foram as seguintes:

Por causa do trabalho, a gente cansa, sai à noite com os meninos, tem vez que está cansada tem vez que está adoentada (aluna J).
[...] pra gente aprender hoje não é fácil não (aluna C).
Por causa do trabalho chego cansada (aluna J).

Tudo isso, demonstra que mesmo diante de tantas dificuldades, os alunos continuam estudando, pois o trabalho pedagógico e didático da escola considera essas dificuldades dos alunos/as e organiza trabalhos extra-classe para reporem aulas perdidas afim de que o emprego desses educandos não cause a evasão escolar.

Por essa turma ser formada de adultos, a quantidade de anos fora da escola dos alunos/as entrevistados/as também é grande; os motivos do afastamento da escola foram variados pesando para isto os fatores sócio-culturais de organização das famílias e econômicos, é o que nos mostram os relatos dos alunos abaixo relacionados quando perguntados: "Por que parou de estudar quando jovem?".

Por causa do serviço, não tinha como estudar não (aluna J, 36 anos).
Porque o home não deixou mais eu estudar, aí eu parei (aluna C, 33 anos).
Porque é dislexo da gente mesmo, e quando eu casei meu marido não deixou, e naquele tempo era um menino atrás do outro (aluna F, 56 anos).
Porque meu pai não deixou, acha que filho tinha que trabalhar (aluno L, 47anos).

Analisando os relatos obtidos observa-se uma submissão à autoridade, tanto dos pais, quanto do marido dada à cultura machista que encara a mulher como única responsável pelos cuidados dos/as filhos/as e da casa, relegando aos estudos

pouca importância. Na situação dos homens, pesa para o afastamento dos mesmos em relação à escola, a situação sócio-econômica e fatores culturais, é o que esclarece o relato do aluno "L" mostrando o poder do paternalismo e do machismo que atribuem culturalmente aos filhos do sexo masculino o papel de força de trabalho, proibindo-os de estudarem para poderem ingressar desde cedo no mercado de trabalho e prover parte do sustento da família, situação reforçada pelas péssimas condições sócio-econômicas de vida das famílias de onde provêm estes educandos.

Esta evidência está clara nas respostas obtidas acerca dos alunos que ingressam muito cedo no mercado de trabalho deixando de lado os estudos, fazendo com que haja um grande número de pessoas analfabetas ou semi-analfabetas. Por este motivo, os pais (alunos/as da EJA) relatam que incentivam os/as filhos/as a estudarem porque eles consideram o estudo como um dos meios de conseguirem um bom emprego, discurso que os alunos da EJA incorporam também para si e reproduzem:

[...] Porque eu sei que eles estudando vão ter um trabalho bom (aluno A).
[...] tem que estudar aula de computação e arrumar um emprego maneiro¹⁹
(aluna F).
Eu falo, sem estudo é muito ruim, sem leitura não arruma serviço (aluna I).

Nesse contexto, torna-se necessário que observemos os princípios norteadores da alfabetização de jovens e adultos no município de Xinguara e verificarmos se realmente a expectativa dos educandos para não ocultar sua

¹⁹ No sentido de manejo fácil, um serviço que exige pouco esforço físico e dê bom retorno financeiro.

capacidade interior de autonomia, reflexão, criatividade, percepção, sentimentos e esperança de uma vida melhor.

2.2 CARACTERIZAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE DA PROFESSORA C

2.2.1 Organização do trabalho pedagógico

Para analisar o trabalho pedagógico da professora C é importante nos remeter ao conceito epistemológico de que ensinar, do latim *signare* é colocar dentro, gravar no espírito (Piletti, 1993, 28), esse conceito de ensino, inspira uma prática de educação que se perpetua até hoje nas escolas de todo país, pois muitos professores acreditam que “ensinar é transmitir conhecimento”, onde o/a professor/a é aquele que fala e o/a aluno/a é aquele que escuta.

Nesta perspectiva a atuação da professora C é tradicional, pois não considera os saberes dos alunos valorizando simplesmente os conteúdos formais em detrimento aos conhecimentos do cotidiano dos alunos, onde se observa uma didática apoiada em textos infantilizados e de pouca abertura para discussões, textos que são retirados dos livros didáticos e das apostilas, como este texto abaixo, que foi retirado da apostila montada pela Secretaria Municipal de Educação para serem distribuídas para todas as escolas da rede municipal de ensino – EJA.

Cantando compaixão
Com A, escrevo Amor
Com P, escrevo Paixão
Com C, escrevo Cristina
Cristina do meu coração

Com A, escrevo Amor
Com P, escrevo Paixão
Com F, escrevo Felipe
Felipe do meu coração (7º dia de observação, dia 14/04/05).

As apostilas usadas pela professora C foram selecionadas pelos professores de EJA e pela coordenadora geral da secretaria municipal de educação da EJA, como foi afirmado pela professora ao ser perguntada: "Que acesso você teve na composição das apostilas de EJA?" A professora C respondeu o seguinte: "Particpei sim da elaboração, nós escolhemos o material que nós iríamos trabalhar com os alunos, depois a coordenadora geral da EJA do município juntou tudo e construiu as apostilas".

Porém ao analisar a entrevista cedida pela professora C, ficou evidente que sua atuação é pouco auxiliada pela equipe pedagógica da escola em que trabalha apesar da professora C responder positivamente quando lhe foi perguntado: "No seu ponto de vista, o acompanhamento pedagógico está te auxiliando no seu trabalho?" Ela respondeu: Está... Só está faltando é a gente sentar, se reunir, ter reunião entre nós". Essa resposta da professora deixa transparecer que o seu trabalho está sendo solitário, pois além de não ter o acompanhamento necessário por parte da coordenação pedagógica, também não tem outra professora que trabalha com a mesma série para poderem trocar experiências.

2.2.2 Formação docente – inicial e continuada

A professora C apresenta pouca experiência tanto na docência de modo geral, como no trabalho com turmas de EJA, como pode ser observado na resposta da professora ao ser perguntada: "Há quanto tempo exerce a docência e há quanto tempo trabalha com EJA?" A resposta obtida foi a seguinte: "Como professora vai fazer dois anos, agora, com EJA é o primeiro ano".

Dessa forma, a pouca experiência da professora C nos remete a avaliar o teor de sua prática com a alfabetização de jovens e adultos que apresenta características tradicionais por não considerar os saberes dos educandos e por muitas vezes fazer com que os alunos repitam respostas prontas sem nenhum questionamento acerca do que está sendo aprendido, tal como foi observado na aula do dia 09/05/05, onde a professora pergunta para o aluno L:

-b com a?. Ele responde:

-ba.

Ela pergunta:

-b com e? Ele responde:

-be.

Ela pergunta:

-b com i?. Ele responde :

-bi.

Ela pergunta:

-b com o?. Ele responde

-bo.

Ela pergunta:

-b com u?. Ele responde:

-bu

Quanto à formação inicial da professora C, apesar de ter apenas o magistério como foi afirmado por ela, a mesma demonstra preocupação com a sua formação profissional, pois ao ser perguntado: Você se sente realizada em sua profissão: A professora C responde: "Não sinto não, porque eu tenho que fazer minha faculdade, nem iniciei ainda". Isso demonstra que somente o curso de "magistério" não está dando suporte à sua atuação docente e por isso está preocupada em continuar estudando.

Os cursos de formação continuada os quais a professora C diz que participou, foram cursos oferecidos pela prefeitura, que não foram concluídos, porém a professora C ao ser perguntada: "Até que ponto o curso do EJA e do PCNs

contribuíram para a sua formação continuada?”. A professora afirma que: “Contribuiu, aprendi mais, aumentei a minha aprendizagem.”

O trabalho pedagógico da professora C apresenta improvisos, primeiro por não ter um acompanhamento pedagógico satisfatório e segundo devido a sua pouca experiência como docente, onde sua formação continuada é descontextualizada e não oferece a esses educadores certos saberes necessários à prática educativa libertadora, respeitando os níveis de conhecimento dos educandos e suas representações a cerca da lecto-escrita.

Nesse sentido, o conhecimento dos princípios pedagógicos tanto de Freire como de Ferreiro, poderão, fornecer um suporte pedagógico que possibilite um ensino-aprendizado significativo.

Nesse sentido, percebe-se que a professora C precisa refletir sobre a sua prática, para assim poder construir a seu *fazer educativo*, a fim de propiciar aos seus alunos uma educação voltada para a construção de uma consciência de *ser histórico* para que os educandos se desenvolvam criticamente e deixem de serem meros espectadores infantilizados no processo ensino-aprendizagem.

2.3 CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

O compromisso da Secretaria Municipal de Educação em garantir o acesso e a permanência da população jovens e adultas na escola através da implantação de uma educação de qualidade não ficou evidente, esse acompanhamento pedagógico

por parte da Secretaria de Educação, tanto na fala da coordenadora da EJA, ao dizer que tentou fazer esse acompanhamento, afirmando que durante esse ano foram feitos cinco encontros e que somente no final do ano foi possível fazer a formação continuada com os professores, como fica claro na fala da professora C ao relatar: "Eu faço sozinha... é meu planejamento eu faço sozinha".

Essas falas acima deixam bem claro a descontextualização detectada por mim nessa pesquisa, porém essa descontextualização não ocorre somente nos trabalhos em sala de aula, mas também na atuação da Secretaria Municipal de Educação, que é justificado pela coordenadora da EJA, afirmando que a formação continuada está ocorrendo no final do ano devido aos recursos destinados a EJA terem chegado somente no segundo semestre.

A descontextualização no trabalho da EJA em Xinguara foi evidenciada também nas confecções das apostilas, pois, ao perguntar para a coordenadora da EJA sobre os materiais didáticos utilizados pelos professores para trabalharem com a EJA, ela respondeu que foram feitos materiais de apoio selecionados pelos professores e reproduzido através de xérox pela Secretaria de Educação. Esse material de apoio como, coloca a coordenadora da EJA, foram distribuídos tanto para os professores como para os alunos, demonstrando que a educação dialógica tão defendida por Paulo Freire não é considerada nem pela professora C, que simplesmente reproduz o que lhe foi passado, como pela Secretaria de Educação que traz material pronto sem levar em consideração os saberes cotidianos dos educandos e sem possibilitar espaço de reflexão aos educadores.

3 O DISTANCIAMENTO ENTRE AS CONDIÇÕES EXISTENCIAIS DOS ALUNOS, A ATUAÇÃO DA PROFESSORA E DA ESCOLA: A PRODUÇÃO COTIDIANA DO SILENCIAMENTO CULTURAL E DA PASSIVIDADE SÓCIO-COGNITIVA

Sendo a pergunta central deste estudo “A professora consegue relacionar o cotidiano dos alunos com o que é ensinado em sala de aula?” Busquei informações que me auxiliassem nos seguintes questionamentos: “O que leva os alunos/as da EJA a desistirem da escola antes de aprenderem a ler e a escrever?”, “Qual o suporte pedagógico que auxilia o trabalho da Educação de Jovens e Adultos no município de Xinguara?”.

No que se refere ao trabalho docente, muitas foram as informações que comprovaram que a atuação da professora persiste em infantilizar a educação de jovens e adultos sem, ao menos, relacionar os questionamentos e as dúvidas que os alunos levam para a escola com os conteúdos programáticos.

De acordo com a informação da maioria dos alunos quando lhes foram perguntados: “Você está conseguindo aprender com o modo (método) que a professora ensina? Por quê?” Observei as seguintes respostas:

Tamos. Porque ela tem paciência de ensinar pra gente, ela explica e a gente presta atenção (aluna J).
Tô. Porque ela ensina a gente direitinho (aluna C).
Tô. Ela ensina bem a gente, em paciência [...] (aluno A).
Tô. Eu acho ela tão boinha pra insinar (aluna F).
Tá conseguindo, a gente faz um esforço... do jeito que ela ta insinando (aluno L).

Diante dessas declarações percebo a falta de consciência crítica por parte dos alunos e sua passividade diante da calma da professora C, que como coloca

Emília Ferreiro analisando as práticas tradicionais de alfabetização, tanto os alunos como os professores não são “motivados a pensar criticamente sobre sua prática; refugiando-se nas alternativas mais burocráticas” (2003, p.52) como, cartilhas, cadernos, atividades que são respondidas mecanicamente e etc. Emília Ferreiro coloca ainda que o desejo tanto do professor como o dos alunos é de serem “promovidos a um grau superior” (2003, p.52) onde não importa o método de trabalho, mas sim a calma e a paciência com que essa educadora transmite os conteúdos e assim, promove-os às séries seguintes.

No entanto, com a busca dessa promoção os educandos e a escola acabam por produzir o silenciamento cultural, como coloca Paulo Freire: “[...] nem tudo que compõe a cultura do silêncio é pura reprodução ideológica da cultura dominante. Nela há também algo próprio aos oprimidos em que se amuralham [...], para defender-se, preservar-se, sobreviver” (2002, p.82-83).

Nesse sentido os alunos da EJA produzem uma dependência diante do carisma da professora na relação educando-educador que ao invés de ser dialógica é imposta pela professora com seu autoritarismo camuflado e, com isso, o conhecimento está cada vez mais se distanciando da vida cotidiana dos educandos.

Esta relação de autoritarismo velado tem como consequência a passividade cultural dos educandos ocasionando o silenciamento cultural, em que a infantilização desse ensino vai de encontro à construção da lecto-escrita dentro da perspectiva de Emília Ferreiro, por não permitir que esses educandos pensem e construam

representações a cerca do que está sendo ensinado e como conseqüência não construa sua própria autonomia.

Nesse sentido, diante das considerações dos alunos percebe-se a educação bancária que é tão questionada por Paulo Freire, onde os educadores vão despejando conhecimentos de quem “sabe mais” em alguém que “sabe menos”.

Paulo Freire, enquanto teórico preocupado com uma educação que visa à libertação do homem através de sua consciência de *ser e estar no mundo*, faz uma observação diante dessa educação bancária, facilmente observada no discurso implícito da escola e da prática docente pesquisadas, frente à infantilização e o autoritarismo disfarçado pela atuação carismática da professora.

[...] O analfabeto é um “homem perdido”. É preciso, então, “salva-lo” e sua “salvação” está em que consiste em ir sendo “enchido” por essas palavras, meros sons milagrosos que lhes são apresentados ou impostos pelo alfabetizador que, às vezes, é um agente inconsciente dos responsáveis pela política da campanha (2002, p.16).

A prática pedagógica investigada manifesta de várias formas o princípio da educação bancária e, portanto, descontextualizada apesar da professora C ter afirmado na sua entrevista que trabalha de forma contextualizada, como demonstra a resposta abaixo da professora quando perguntado: “Você aproveita o conhecimento que os alunos fazem de casa para enriquecer a suas aulas? Como?” “Aproveito sim. Sim, a Dona J mexe com feira, o A com tijolos, aproveito isso para trabalhar na matemática. Aproveito também os conhecimentos deles para trabalhar meio ambiente”.

Contraditoriamente, durante a pesquisa de campo, observei que a professora C não explora as experiências vividas pelos alunos em suas ocupações profissionais, cotidianas e familiares no processo de aprendizagem escolar, pois durante as minhas observações vivenciei momentos onde a professora simplesmente dizia sílabas soltas e, em seguida, pedia para que os educandos as repetissem, ocorrendo assim uma passividade cultural e cognitiva diante da prática docente da professora C.

É inegável que esses alunos, forçados pela circunstância, são obrigados a aprenderem de forma descontextualizada, onde não estão sendo valorizadas as suas experiências de vida, pois, a “repetição desempenha um papel muito limitado nesse processo” (2003, 30), por submeter esses educandos à simplesmente repetir e não a refletir sobre o que está sendo apresentadas a eles, e como conseqüências, ocorre a desistência e a repetência, pois estes alunos não conseguem ver uma relação do que eles esperam da escola com o que a escola lhes oferece.

A descontextualização se manifesta também na visão estereotipada da professora C a cerca da repetição de sílabas e da utilização de textos, esses textos são retirados de livros didáticos, como é colocado pela professora, quando é perguntada: “Como são trabalhadas a leitura e a escrita com seus alunos?” Ela responde: “De textos, esses textos são retirados de livros didáticos”. Esses textos não trazem visões críticas de mundo que irão contribuir com a formação desses estudantes como seres conscientes e como sujeitos de uma prática social a partir de suas atividades de trabalho, de suas relações familiares e de seus fazeres cotidianos.

A aluna C faz uma observação quanto à metodologia utilizada pela professora C que não considera o seu conhecimento prévio, quando é perguntada: "Você tem dificuldades de aprender? Quais? Ela responde: "É ruim pra mim soletrar, mas eu conheço as letras aí eu junto as letras, aí eu leio". Percebe-se com isto que esta forma de alfabetização, especialmente com jovens e adultos, retarda seu processo de construção da leitura e da escrita formal, pois esses educandos aprenderiam com mais facilidade se os conteúdos trabalhados fossem de relevância para eles, dada a necessidade de reconstrução da lógica da escrita pelos educandos/as, considerando que a mesma é um sistema de representação, tal como afirma Ferreiro. Disto decorre a importância do diálogo entre professores e alunos na construção de processo ensino-aprendizagem significativo, além do mais os adultos assim como as crianças passam por hipóteses que devem ser respeitadas. Como descreve Funk:

No que se refere à seqüência de níveis da concepção dos alfabetizando adultos em relação ao alfabetizando criança, podemos constatar que são praticamente iguais. As passagens pelo mesmo é que se dão de forma mais rápida. [...] Considerando a experiência de vida do alfabetizando adulto e conseqüentemente o domínio de uma gama muito grande de conceitos justifica-se a possibilidade de aceleração na passagem de um nível ao outro (2003, p. 92).

A fala da aluna C ganha concretude nas práticas de leitura e escrita cotidianas em que a professora envolve os alunos, auxiliada pelas apostilas produzidas com orientação da Secretaria Municipal de Educação, foi o que presenciei no dia 09/03/05, quando a professora vai até o aluno L e diz: "Vamos seu L?" e Ele responde: "Hurrum". Ela então começa: "b+a=ba, b+e=be, b+i=bi, b+o=bo,

b+u=bu; depois o aluno repete essas sílabas soltas assim como a professora a pronunciou.

Isso reflete a não consideração da escrita como construção cultural, como também da capacidade de letramento dos alunos, visto que a prática de alfabetização acima impossibilita o pensar autônomo e construção cognitiva a qual Ferreiro explica que são estratégias utilizadas pelos indivíduos para a representação da escrita e são aspectos construtivos da escrita que sofrem evolução constante e que por isso precisam ser analisadas:

[...] além dos métodos, dos manuais dos recursos didáticos, existe um sujeito que busca a aquisição de conhecimento, que se propõem problemas e trata de solucioná-los, segundo sua própria metodologia. [...]: trata-se de um sujeito que procura adquirir conhecimento, e não simplesmente de um sujeito disposto ou mal disposto a adquirir uma técnica particular. Um sujeito que a psicologia da lecto-escrita esqueceu [...] (FERREIRO e TEBEROSKY apud, AZENHA, p.1995).

Esse comentário de Ferreiro e Teberosky demonstram a ruptura que a escola faz ao não considerar os conhecimentos prévios construídos pelos educandos durante sua vida.

Analisando os textos que são utilizados pela professora C pode se ver claramente que a infantilização da educação desses adultos está presente, pois os textos escolhidos estão totalmente fora da realidade vivenciada pelos/as alunos/as trabalhadores/as e pais de família, como, por exemplo, esse texto abaixo:

Sapo Cururinho
Sou o sapo
Cururinho
Vim do rio.
Saí do ovo,

Vivi na água
Que nem peixinho.
Chamava girino
E tinha um rabinho.
O rabo sumiu,
A pança aumentou
Cresceram patinhas
Virei um sapinho
Pulei fora d'água
e aqui estou.

(Observação da prática docente, realizada no dia 09/03/05 – texto retirado de livros didáticos, presente na apostila da Secretaria Municipal de Educação).

Analiso a escolha do texto feito pela professora C, como uma representação estereotipada sobre a aprendizagem de seus alunos, a qual impede em grande parte, a mediação entre a educação oferecida na escola e a realidade dos seus educandos, que por serem adultos, poderiam em muito contribuir em suas aulas com suas experiências de vida e seus saberes e representações de sua realidade enquanto condições de vida objetivas e subjetivas. No entanto o que se observa são várias situações de infantilização que levam os alunos a um posicionamento de dependência e baixo auto-estima, como demonstra a observação obtida no dia 14/04/05, quando a professora pega o livro com o texto que ela copiou no quadro, para tomar a leitura de um dos alunos entrevistados que tem dificuldade de ler, ela começa soletrando as sílabas do texto pedindo para a aluna repita o que ela está falando.

Nesse sentido, a professora C está suprimindo a liberdade desses educandos, levando-os a ficar numa posição meramente ajustada e acomodada diante de sua realidade, e assim, não oferecendo oportunidade para que seus alunos desenvolvam sua potencialidade e criatividade, pois, “[...] desta forma, os educandos não têm por que perguntar questionar, desde que sua atitude não pode

ser outra senão a de receber, passivamente o conhecimento que os educadores neles depositam” (FREIRE, 2002, p.102).

Analisando o primeiro questionamento, “A professora consegue relacionar o cotidiano dos alunos com o que é ensinado em sala de aula? Não foi encontrada nenhuma situação que respondesse positivamente esse questionamento, pois o que se verificou foi uma alfabetização totalmente voltada para repetição de sílabas soltas, sem nenhum significado para sua prática social diárias.

De acordo com o pensamento de Freire, os educadores precisam construir uma visão politizadora de mundo para intervir nele de forma crítica, criativa e autônoma e assim, poder contribuir para superação das *situações limites*, fruto das várias formas de expropriação sócio-cultural e econômica.

Toda prática educativa precisa se dar de forma significativa, condizente com a realidade sócio-cultural, o que consiste em explorar o que eles já sabem estabelecendo vínculos com as novas informações. Nesse sentido o trabalho docente da professora C, posiciona num ângulo puramente *objetivista mecanicista*, por não oportunizar aos educandos, refletir sobre sua posição de oprimido e com isso não ter conhecimento sobre “ação ao nível da percepção da realidade” (FREIRE, 2002, p. 51). Pois, o educador, enquanto sujeito histórico e produtor de conhecimento, precisa dar condições para que o educando, também ser histórico e criativo, produzem conhecimentos, para a construção de sujeitos autônomos capaz de exercer sua liberdade num ato criativo onde aprende e ensina ao mesmo tempo.

Contudo, ao longo das observações em sala de aula, notei que a professora C fazia poucas aulas expositivas longas, pois esteve sempre escrevendo no quadro de giz esperando que os alunos respondessem no caderno, para responder com eles no quadro de giz e em seguida dar visto nos cadernos. Sobre esse procedimento didático da professora C, Emília Ferreiro coloca que é como se "O professor tem de falar, explicar e as crianças [o mesmo vale para os adultos, neste caso] têm de escutar, prestar atenção repetir e reter" (2001, p.106).

Esta prática pedagógica linear e burocrática deixa transparecer que o planejamento feito todos os dias, como foi afirmado pela professora C, não pode ser "prejudicado" com acontecimentos em sala de aula, e com isso, a professora deixa passar muitos questionamentos dos alunos que seriam de grande utilidade na execução de suas aulas, como por exemplo, quando os alunos falam - enquanto está fazendo atividades sugeridas pela professora - sobre enchentes comuns no período chuvoso – época de realização desta pesquisa de campo – no setor onde os alunos residem e localiza-se a escola:

"A aluna D diz:

- Sinhá, levantei 6:10, pra trazer os meninos pro colégio, mais quando cheguei aqui o colégio a chuva apertou, que chuva forte!

A aluna F fala:

- Marabá uma hora dessa, deve está debaixo d'água.

A aluna C diz:

-Tá nada.

A aluna D responde:

"-Tá sim, eu vi no jornal que a água ta desabrigando pessoas."
(observação, dia 23/03/05)

O aluno A diz:

-Os caminhões estão passando tudo por aqui, por conta de um buraco lá na outra estrada (referindo a uma cratera feita pelas chuvas na Belém-Brasília). E a estrada já ta toda ruim.
(observação, dia 15/03/05)

Mesmo com esses comentários a professora C não pára o que está fazendo, desconsiderando os comentários dos alunos sobre as enchentes, que são reflexos dos problemas enfrentados pelos mesmos anualmente e da falta de apoio do poder público local. A professora se relaciona com estes saberes cotidianos dos alunos como se fosse algo prejudicial ao trabalho pedagógico que se desenvolvia, e isto, faz com que esses educandos não reflitam sobre sua realidade para além do que é imediatamente observável, já que não são aproveitados estes conhecimentos que constituem a sua prática social e, em grande medida, definem seus interesses, seus valores, as suas formas de pensamento.

Freire comenta que “[...] ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (2004, p. 30) o que não foi constatado na pesquisa, pois, a professora C em nenhum momento proporcionou condições para que seus alunos refletissem sobre a sua realidade (seus problemas domésticos, profissionais e políticos) como também sobre sua posição no mundo.

Pode-se perceber que a professora C exerce uma prática muito criticada tanto por Emília Ferreiro como por Paulo Freire, pois, esta prática consiste em transmitir os conteúdos curriculares sem deixar que nada externo à escola influencie essa prática, embora a professora C tenha deixado claro que suas aulas são planejadas todos os dias, como podemos perceber quando ela responde: “Acho muito importante, todos os dias planejo a minha. Porque na hora de ir para a sala de aula a gente não vai saber o que vai dar, o que vai ensinar para os alunos, por isso, tenho que planejar”.

Percebe-se com isto, que a descontextualização do trabalho da professora, não está na falta do planejamento, mas, dentre outros fatores estruturais, na sua pouca experiência como docente, como também na sua formação continuada que não ocorreu no início e/ou durante do ano letivo, mas no final, como nos esclarece o comentário da coordenadora geral da EJA quando lhe foi perguntada: "Foi realizado algum curso para preparar os professores no trabalho com EJA?" a resposta foi a seguinte: "Este ano está sendo feito agora, no final do ano, oficinas pedagógicas para melhorar a prática em sala de aula".

Neste sentido, a prática da professora C, está prejudicando a aprendizagem significativa dos educandos advindos de suas experiências de vida, pois, "[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção" (FREIRE, 2004, p. 47). Daí concluir que é de fundamental importância um trabalho contextualizado, valorizando os saberes que esses educandos trazem à escola, por isso, a professora C, com uma outra prática docente, tem muito que contribuir com seus alunos, sendo propiciadora de uma aprendizagem significativa construída com eles e para eles.

Ferreiro, assim como Freire, afirma que para se ensinar precisa-se valorizar as experiências de vida dos educandos, pois, esses alunos quando chegam à escola eles não estão vazios, trazem consigo uma gama de saberes, historicamente construídos.

É um grande passo da professora C reconhecer que seus educandos trazem conhecimentos do "dia-a-dia deles" – como ela afirma –; porém o que se observa é

que a professora C não consegue relacionar e, muito menos, não pergunta nada sobre suas experiências de vida. Isto contradiz a consideração acima, pois, a professora não consegue relacionar as experiências de vida dos educandos com os conteúdos programáticos da escola, fazendo com que estes educandos não reflitam sobre sua realidade e assim, prejudica-os no processo de sua libertação como ser histórico e cultural.

Este modo de tratar a educação de jovens e adultos acaba por reforçar uma educação descontextualizada em que os educandos vão simplesmente repetindo “receitas prontas” sem nenhuma reflexão sobre o que está sendo posto como conhecimento formal, transformando-os em “seres passivos e dóceis [...]” que “devem ir recebendo aquela ‘transfusão’ alienante da qual, por isto mesmo, não pode resultar nenhuma contribuição ao processo de transformação da realidade” (FREIRE, 2002, p. 17).

Diante das respostas obtidas nas entrevistas, percebi que muitos dos alunos, fazem um esforço tremendo para continuar estudando, primeiramente por serem, na sua maioria, alunos/as trabalhadores/as e queixam-se muito do cansaço, e segundo, por serem moradores de setores que possuem pouca iluminação pública que obriga a maioria dos educandos a disporem de lanternas para chegarem até a escola. Como é o caso da aluna F, que, ao ser perguntada sobre a principal dificuldade em continuar estudando, ela respondeu: “A dificuldade é porque é noite e as estradas é muito ruim.” É inegável que os alunos, apesar de terem passado tantos anos sem estudar, estão agora, querendo aprender a ler e a escrever, mesmo que para irem até a escola e voltar seja preciso providenciar algum meio e correr riscos.

Analisando as respostas obtidas em um questionamento feito durante as entrevistas, foi unânime a vontade de aprender a ler, mesmo diante das dificuldades de acesso e permanência na escola, “para saber mais”, para conseguir um trabalho: “Aprender para trabalhar um serviço, melhor... não é? [...] conseguir um serviço bom pra gente” (aluna J). “[...] sem estudo é ruim, sem leitura não arruma serviço” (aluna I).

Estas falas acima se assemelham a uma colocação descrita por Paulo Freire, ao denunciar as formas de alienação via escolarização: “Pedro não sabia ler. Pedro vivia envergonhado. Um dia, Pedro foi à escola e se matriculou num curso noturno [...] Pedro agora já sabe ler, por isso, está feliz [...]. Já tem um bom emprego. Todos devem seguir os seus exemplos” (2002, p. 55).

Estes exemplos mostram que o nível de consciência política desses educandos é bem pouco, pois, não compreendem “as relações entre o analfabetismo e as estruturas da sociedade” (FREIRE, 2002, p. 55). O que me leva a afirmar que o trabalho de alfabetização desses educandos está sendo realizado de maneira mecânica, sem nenhuma reflexão crítica sobre sua postura de *ser e estar no mundo*, pois, estar em contato com o mundo não possibilita qualquer ação transformadora, é preciso realmente integrar-se ao mundo.

Percebe-se que os alunos, com poucas exceções, esperam um retorno prático da educação que estão recebendo, têm expectativas de se projetarem a uma situação financeira melhor, sem compreender que “[...] a mera aprendizagem da leitura e da escrita não faz milagre” (FREIRE, 2002, p.55), pois não os

oportunizaram compreender a relação entre o analfabetismo e a estrutura da sociedade.

Com relação ao diálogo, (educador/a-educando/a, educando/a-educador/a) em sala de aula, pude notar que é pouco incentivado ou cultivado na didática da EJA. Os trabalhos escolares são feitos individualmente e de maneira mecânica, como se pode observar nas respostas obtidas:

Eu faço é sozinha, se tiver uma amiga a gente faz, mas eu faço mesmo é sozinha (aluna J).

Em grupo é bom, mas assim... assim... eu acho melhor sozinha, porque é mais melhor, porque a pessoa quer um dum jeito e outro doutra, assim não dá (aluna C).

Eu sozinha eu dó fé que eu faço mais além. Em casa eu sinto mais bem (aluna F).

Estas falas me fazem retornar mais uma vez aos escritos de Freire que coloca:

[...] Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática "bancária", são possuídos pelo educador que os descreveu ou os deposita nos educandos passivos (2004, p.69).

Com base nesta afirmação de Paulo Freire, observei que nem os alunos, tão pouco a professora, têm consciência de sua passividade diante desta educação "bancária" implantada por um sistema de ensino, que os visa à reprodução de uma cultura imposta pelas classes dominantes, reforçando assim, a cultura do silêncio.

A falta de uma consciência crítica, desses educandos é tão pouca que ao serem perguntados sobre o que está faltando na escola para aprenderem mais, responderam em sua maioria que não está faltando nada, e aceitam a situação que está sendo imposta. Acreditando que ao saberem reconhecer as letras e juntá-las para, assim, formarem palavras, já estão sabendo ler e escrever, sem se darem conta do contexto desse tipo de leitura e muito menos com sua transmissão. Sobre estas práticas descontextualizadas de lecto-escrita, alerta Ferreiro:

[...] as práticas convencionais levam, todavia que a expressão escrita se confunda com a possibilidade de repetir formulas estereotipadas a que se pratique uma escrita fora do contexto nenhuma função comunicativa real e nem sequer com a função de preservar informações (2003, p.18).

A não consideração do contexto em que estes educandos estão sendo alfabetizados me preocupa, pois, o que se observa, é a existência de uma simples decodificação de letras, sem nenhum significado sócio-político para suas vidas. O que nos remete ao pensamento de Freire “[...] toda tentativa de desenvolver um tal reconhecimento, fora da práxis, fora da ação e da reflexão, nos pode conduzir a puro idealismo” (2002, p.60), pois no momento em que o educando não é incentivado a pensar e agir diante do que lhe é ensinado, estão simplesmente reproduzindo a cultura do silêncio imposta pelas classes dominantes.

A professora C conversa pouco com seus alunos, de acordo com as observações realizadas na pesquisa, não há um autoritarismo explícito por parte da professora C, sempre disposta a andar na sala de cadeira em cadeira auxiliando os educandos. Como pude verificar nas respostas dos alunos ao serem perguntados: “Você está conseguindo aprender com o modo (método) que a professora ensina?”

Por quê?”. Todos os alunos responderam que estão aprendendo e ainda acrescentaram.

[...] Porque tem paciência de ensinar pra gente, ela explica e a gente presta atenção (aluna J).

[...] Porque ela insina a gente direitinho (aluna C).

[...] Eu acho ela tão boinha pra ensina (aluna F).

[...] É uma ótima professora boa pra ensina (aluna I).

No entanto, não se percebe a interação aluno-professor e não são estabelecidos diálogos sobre os conteúdos curriculares; o que se percebe é simplesmente uma imposição desses conteúdos de forma carismática e, portanto, tão silenciadora quanto a forma explícita de violência simbólica. Neste aspecto a prática da professora C revela um autoritarismo velado, por se tratar de um silenciamento cultural, imposto pelas classes dominantes. Sobre essa prática de reprodução do sistema social vigente, coloca Freire: “Os educadores necessitam descobrir o que há por trás de muitas de suas atitudes em face da realidade cultural para assim enfrenta-la de forma diferente” (2002, p.65).

Diante deste ensino de reprodução do sistema social vigente, a relação professor-aluno-conhecimento, contribui para que os alunos sejam “hospedeiros dos opressores”, porém no momento em que os alunos se descubram “hospedeiros dos opressores” conseguirão libertar-se da opressão que lhes foram impostas.

Sempre que a professora chegava à sala de aula, ela cumprimentava os alunos e em seguida escrevia no quadro de giz o cabeçalho e já falava qual era a disciplina que iria trabalhar, não proporcionando simplesmente copiavam e respondiam sem mesmo questionar o que estavam fazendo.

Assim, percebo que a professora C, apesar de estar sempre disposta a ir às cadeiras dos alunos para tirar dúvidas sobre os conteúdos trabalhados em sala de aula, a sua prática está longe de ser dialógica, porque uma prática dialógica requer uma comunicação entre os indivíduos, onde há uma aprendizagem mútua, pois é através do diálogo que os seres humanos têm uma relação íntima de amizade, respeito, amor e carinho. Isto é comprovado quando a professora pergunta para o aluno A sobre as cheias dos córregos:

- "A" a água passou sobre a ponte?

Ele respondeu:

- Eu fiquei com medo que a água afogasse a moto.
(observação, dia 09/03/05).

Esse assunto acaba da mesma forma que começou o que mostra que a professora não consegue relacionar os conteúdos curriculares, com os problemas do cotidiano dos alunos e não permite, talvez de forma deliberada, que os assuntos cotidianos dos alunos não povoem o ambiente escolar, ficando evidente que a sua pouca experiência e a falta de um acompanhamento mais profundo por parte da equipe pedagógica bem como de uma formação continuada contextualizada com a EJA e com o município de Xinguara, fazem com que a prática da professora C seja bancária.

O contexto em que os alunos estão inseridos é de fundamental importância para uma prática significativa, sem comprometer a sua aprendizagem, tanto nos aspectos políticos, quanto nos aspectos ideológicos.

Perante o que foi exposto, concluo que, tanto a professora C, quanto os alunos apresentam dificuldades no processo ensino-aprendizagem; a professora por não conseguir relacionar o que é ensinado com o cotidiano dos alunos dado às lacunas na formação inicial e continuada da professora, bem como a orientação pedagógica limitada desenvolvida pela escola, e os alunos por serem passivos diante da prática executada pela professora C.

A professora C declarou que só sente dificuldades em trabalhar com os conteúdos de Matemática e que em relação à disciplina de Português, além de gostar tem grandes facilidades em trabalhá-la, e ainda declarou que aproveita as experiências do cotidiano dos alunos. O que na verdade não foi constatado, pois na disciplina de Língua Portuguesa os textos trabalhados foram retirados às vezes de livros, às vezes de apostilas fornecidas pela Secretaria Municipal de Educação com conteúdos infantilizados não oferecendo nenhuma criticidade aos educandos uma vez que o ensino escolar precisa estar vinculado à realidade dos alunos e isso não foi constatado na pesquisa.

Diante de todos os relatos, chego à conclusão de que a professora C não relaciona o cotidiano dos seus alunos com os saberes científicos ensinados na escola, devido à formação docente da professora não ser satisfatória, primeiro, por ter pouca experiência na docência e, segundo, porque a formação inicial e continuada ofertada pelo município de Xinguara não cumpre com o seu papel, por não estar favorecendo aos educadores oportunidade para refletir sua prática através da troca de experiência com os outros educadores e da interação com os

educandos, e assim, construirão juntos soluções para os problemas enfrentados no processo ensino-aprendizagem.

4 A VISÃO CRÍTICA DE UMA EDUCAÇÃO DESCONTEXTUALIZADA

Ao produzir este trabalho sobre a descontextualização na alfabetização de jovens e adultos pretendi ampliar conhecimentos e reflexões já existentes na realidade escolar, abrindo, também, possibilidades para uma análise mais profunda a cerca desta temática.

A teoria de Emília Ferreiro e o pensamento de Paulo Freire constituíram o referencial teórico deste trabalho por apresentarem respostas referentes ao processo ensino-aprendizagem e a formação na educação de jovens e adultos.

Ao confrontar os pressupostos teóricos de Freire e Ferreiro com a prática da professora C no contexto da EJA no município de Xinguara, pude compreender as principais idéias dos autores a cerca dos problemas levantados e assim constatei que a professora C não consegue trabalhar de forma contextualizada relacionando os conhecimentos do cotidiano dos alunos com os conhecimentos científicos do currículo escolar, a mesma desconhece a importância de trabalhar as experiências cotidianas para tornar o processo ensino-aprendizagem mais significativo e possibilitar a formação crítica dos alunos.

Assim, posso concluir que apesar da professora C reconhece que seus alunos trazem alguns conhecimentos importantíssimos para o enriquecimento de suas aulas, porém, ela não considera como válidos nenhum desses conhecimentos, pois não questiona seus alunos diante dos conteúdos curriculares e nem abre espaço para a socialização dos saberes cotidianos dos alunos, priorizando sempre

os saberes científicos. Tudo isto devido às estruturas sociais vigentes, que não contribuem na transformação da realidade e nem oportuniza aos educandos a participarem de um processo formativo problematizador, capaz de fomentar a construção de uma consciência liberta da opressão, impulsionando a ação transformadora.

Analisando as declarações dos alunos percebi que os mesmos não viam a atuação da professora C como um meio de formação alienante, e que a professora é muito paciente e boa, com essa atitude, segundo os alunos, ela os ajudava muito. Porém, com essa atitude, a professora está reproduzindo a passividade cultural nos educandos, fazendo com que estes se acomodem e se paralise a busca de uma "pedagogia libertadora", onde todos busquem uma sociedade mais justa e mais humana, onde o processo ensino-aprendizagem responda aos interesses dos oprimidos e não das classes/grupos dominantes.

Orientada pelo pensamento de Freire, acredito que esses educandos, por serem na sua maioria adultos, podem contribuir de forma positiva na construção do conhecimento através da "dialogicidade" desses educandos entre si podendo relatar experiências que foram apropriadas ao longo de suas vidas, pois, o diálogo propicia a construção de um ambiente favorável para a conscientização dos indivíduos de forma que a opressão deixe de existir entre eles. Partindo dessa concepção de Freire, acredito que a troca de experiência se constituiria na construção de um conhecimento de mundo, que iria contribuir pra a conscientização de sua postura diante do mundo em que vive.

Penso ainda ter muito que ser discutido em torno da alfabetização de jovens e adultos não só no município de Xinguara, mas em muitos outros municípios e na política educacional do país. Tenho clareza que um trabalho contextualizado nas turmas de alfabetização da EJA requer uma postura crítica tanto por parte do professor, quanto da equipe pedagógica da escola e da Secretaria Municipal de Educação, de maneira a auxiliar o trabalho do professor, para que este forme realmente seres pensantes, capazes de reconhecer-se como "classe oprimida", e que busque a transformação do sistema que aí está imposto, a começar pelas suas condições existenciais limitantes.

Porém, o que se constata é a falta de interesse sócio-político por parte dos governos em investir na formação desses educadores, pois o sistema governamental pouco tem contribuído na transformação desta realidade, que muitas vezes acaba ocasionando esvaziamento das salas de aulas, pois, os professores não conseguem transmitir a importância da educação e assim, propiciar a formação de uma consciência crítica, atuando na transformação do mundo no qual estão inseridos. Por isso, o/a educador/a tem que se preocupar com a sua formação para não ser ultrapassado pelas "exigências da alfabetização extra-escolar" (FERREIRO, 2001, p.125), garantindo a qualidade desse ensino.

Esta alfabetização contextualizada exige que se valorizem as experiências e saberes desses educandos de EJA para poder explorar seus conhecimentos, propiciando uma alfabetização voltada para os interesses dos educandos, rompendo com o sistema burocrático e excludente que constatei no decorrer da minha pesquisa.

A visão estereotipada da professora C na construção do conhecimento dos seus alunos revela uma "educação bancária", preocupada simplesmente com a transmissão dos conteúdos científicos, impedindo com isto, a formação dos seus alunos como sujeitos históricos, tanto na dimensão política, quanto na dimensão ideológica, como defendem Freire e Ferreiro.

Durante as minhas observações constatei que em vários momentos os alunos mencionavam situações que poderiam contribuir na construção de novos saberes, se estas fossem aproveitadas pela professora C a qual estava tão preocupada em transmitir os conhecimentos científicos que os levantamentos feitos pelos educandos acabavam sendo visto simplesmente como conversas paralelas sem nenhum significado para o seu trabalho pedagógico, desta forma a prática social dos alunos/ trazida para a sala de aula de forma "clandestina" via conversas nos momentos de cópias são interpretadas pela escola como indisciplina.

Realizei a caracterização da prática da professora, assim como a sua formação inicial e continuada, e com isso, ficou evidente que a sua pouca experiência e a sua formação inicial e continuada limitadas, comprometem a sua atuação levando esta a transmitir apenas os conteúdos curriculares de forma linear, quando muito, questionava a turma, pois já conhecia as respostas, dadas serem as perguntas não geradoras de diálogos de uma relação fundada no estímulo-resposta mecanicamente, e com isso, reforçava o silenciamento cultural pregados pelas classes dominantes e reforçando cotidianamente entre os grupos expropriados cultural e economicamente via sujeição dos mesmos e o consentimento velado, uma

vez que as práticas escolares não proporcionam condições para que os alunos reflitam, expressem e recriem o mundo à sua maneira.

A descontextualização deste ensino dificulta a aprendizagem escolar de muitos alunos, por não considerarem suas representações, acerca dos níveis da linguagem escrita, ocasionando a repetência e a evasão escolar, porque esse tipo de ensino nega aos educandos a aprendizagem da lecto-escrita como construção cultural.

Ferreiro explica que o conhecimento da língua escrita dos educandos deve ser construído com base nos conhecimentos de seu cotidiano, por isso, são de fundamental importância para a aprendizagem e desenvolvimento desses educandos, como seres conscientes de sua situação no mundo em que vive.

Analisando as declarações dos alunos e minhas observações em sala, percebi que os conhecimentos científicos são priorizados, enquanto os conhecimentos do cotidiano do educando, por muitas vezes, não são nem mencionados. Esta prática não contribui para uma aprendizagem significativa e muitas vezes levam os educandos a desistirem da escola antes mesmo de aprender a ler a escrever.

Ao escolher o tema: EJA em Xinguara: implicações de uma educação descontextualizada, me propus o desafio de "investigar e analisar criticamente as experiências da alfabetização de Jovens e Adultos em uma escola pública no município de Xinguara", orientada pelos pensamentos de Freire e Ferreiro, e me

comprometendo em apresentar contribuições que levaria a um repensar na educação de um modo geral. Acredito ainda que essa pesquisa contribuirá, de maneira positiva, nos trabalhos docentes no município de Xinguara.

Com a realização desta pesquisa busquei abrir novas possibilidades para uma rediscussão teórica em torno da alfabetização na EJA no município de Xinguara, por apresentar as idéias centrais de Emília Ferreiro e Paulo Freire acerca dessa temática. Apesar de Emília Ferreiro, fazer pouca referência à alfabetização de jovens e adultos e o seu trabalho está voltado à psicogênese, isso não dificultou a minha análise, que está voltada para a alfabetização contextualizada e sobre tipo de alfabetização, tanto Freire quanto Ferreiro condizem, pois, estão preocupados com o tipo de indivíduo que a escola está formando, tanto nas dimensões políticas, quanto nas dimensões ideológicas.

Ao tentar responder à problemática levantada por mim ao elaborar o projeto que me norteou na pesquisa, fiz ao longo de minhas observações algumas afirmações que não se constituem verdades absolutas, pois, este trabalho servirá de base para uma mais profunda análise no campo da Alfabetização de Jovens e Adultos no contexto sócio-cultural de Xinguara.

Com base nas análises dos limites da prática docente da professora e da escola pesquisada, bem como das condições existenciais dos alunos e do referencial do trabalho, vê-se que é necessária uma política capaz de combater a evasão e a repetência dos educandos das classes trabalhadoras, no intuito de evitar a produção de novos analfabetos, e para que isso aconteça é preciso promover a

formação de qualidade para os professores, bem como pesquisa e extensão no campo da alfabetização de jovens e adultos, para garantir a qualidade desse ensino e superar os limites culturais e estruturais que levam a prática docente na EJA a ser alienada ao contexto no qual acontece, a fim de se superar também seu aspecto alienante por não constituir-se em ação cultural que possibilite a liberdade, mas a reprodução e a passividade via silenciamento cultural.

REFERÊNCIAS

AZENHA, Maria das Graças. **Construtivismo – de Piaget a Emília Ferreiro**. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Método de Paulo Freire**. São Paulo, Brasiliense, 1999.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. 15ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Com todas as letras**. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Cultura escrita e educação**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

_____. **Reflexão sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez: autores associados, 1991.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 10ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **A importância do ato de ler: três artigos que se completam**. 45ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Educação como prática de liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 29ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 39ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

_____. **Política e Educação**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FUNCK, Irene Terezinha. **Alfabetização de Adultos: Relatos de uma experiência construtivista**. 9ª ed. Petrópolis. São Paulo: Vozes, 2003.

GOULARD, Íris Barbosa. **Piaget – experiências básicas para a utilização pelo professor**. Editora Vozes. Petrópolis, 2003.

LUDKE, Mega. ANDRÉ, Marli E. D. **A pesquisa em Educação: abordagem qualitativa**. São Paulo: EPU, 2001.

PILETTI, Claudino. **Didática Geral**. 15ª ed. São Paulo: Editora Ática. 1993.

Revista Nova Escola. Editora Abril, Novembro de 2005.

OBRAS CONSULTADAS

CAVALCANTE, Lucélia Cardoso. Os conhecimentos cotidianos da criança trabalhadora e a escola. Marabá: UFPA, 2003. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Pedagogia, Centro de Educação, Universidade Federal do Pará.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. Educação de Jovens e Adultos: Teoria, prática e proposta. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KESSELRING, Thomas. Jean Piaget. Tradução de Antonio Estevão Allgayer e Fernando Becker. Petrópolis, 2002.

PICONEZ, Stela C. Bertholo. Educação Escolar de Jovens e Adultos. 2ª ed. Campinas: Papyrus, 2003.

ANEXO I – Entrevistas

ENTREVISTA COM OS ALUNOS DE EJA
Realizado no dia 09/06/05

1- Nome completo/idade/onde você mora e com quantas pessoas?

Aluna "J": E. M. de O. 36 anos. Setor Marajoara. quatro pessoas.

Aluna "C" : A. C. de S. 33 anos. Setor chácaras. cinco pessoas.

Aluno "A": M. da C. B. da S. 28 anos. Setor chácaras. Quatro pessoas.

Aluna "F" : R. G. B. 56 anos. Setor Marajoara. Cinco pessoas.

Aluna "I" : F. C. dos S. 39 anos. Setor Marajoara. Sete pessoas.

Aluno "L": L. R. dos S. 47 anos. Setor Itamaraty. Três pessoas.

2- Qual a sua ocupação?

Aluna "J": Lavando roupa.

Aluna "C" : Trabalho em casa.

Aluno "A" : Olaria.

Aluna "F" : Aposentada.

Aluna "I" : Doméstica.

Aluno "L": Guarda.

3- Como você tomou conhecimento da existência da EJA na sua comunidade?

Aluna "J": Porque as professoras vieram na minha casa perguntar se eu queria estudar... aí eu falei: se tiver aula eu vou estudar, porque se aprender um pouquinho já serve.

Aluna "C" : A C. falou pra eu ir estudar, eu nem queria ir e ela: "vão embora" aí eu fui.

Aluno "A" : Foi a nossa professora que passou na nossa casa perguntando se eu queria estudar, aí fez a matrícula.

Aluna "F" : Foi a professora que foi na minha casa.

Aluna "I" : A professora saiu de casa em casa, e também nas reuniões que nós ia eles falava.

Aluno "L": É fiquei sabendo porque eu trabalhava aqui e a diretora me falou.

4- Por que parou de estudar, quando jovem?

Aluna "J": Por causa do serviço, não tinha como estudar não.

Aluna "C": Porque o home não deixou mais eu estuda, aí eu parei.

Aluno "A": Porque eu não parei, eu nunca estudei, o que eu sei foi a minha mãe que ensino, aí casei e não me interessei de estuda.

Aluna "F": Porque é dislexo da gente mesmo, e quando eu me casei meu marido não deixou, e naquele tempo era menino um atrás do outro.

Aluna "I": Por causa que eu me sentia muito cansada, aí eu parei de estudar.

Aluno "L": Porque meu pai não deixou, acha que filho tinha que trabalha.

5- Por que está estudando agora?

Aluna "J": Porque me deu vontade de estudar agora, pra mim aprende mais.

Aluna "C": Porque eu queria sabe lê.

Aluno "A": Porque, sabe que eu nem sei... porque eu quero aprender mais, porque o que eu sei é muito pouco e arrumar um serviço melhor.

Aluna "F": "Porque a professora me chamou, ai eu fico aqui, eu sabe vou estuda eu vou menos me enterte.

Aluna "I": Porque agora precisa, porque a gente sem leitura e difícil trabalhar.

Aluno "L": É porque teve a oportunidade daí pra cá nunca teve só teve agora...é.

6- Quais as dificuldades que você encontra hoje em continuar estudando?

Aluna "J": Por causa do trabalho a gente cansa, sair à noite com os meninos, tem vez que está cansada, tem vez que está adoentada.

Aluna "C": Muitas coisa, pra gente aprender hoje não é fácil não.

Aluno "A": A dificuldade que eu acho mesmo, é que eu trabalho fora, aí eu chego em casa, aí eu tenho que cuida da casa sozinha, ninguém me ajuda.

Aluna "F": A dificuldade é porque é noite e as estradas é muito ruim.

Aluna "I": Por causa do trabalho chega cansado.

Aluno "L": O problema um pouco da vista... temos muito problema... temos muito problema na vida da gente... tem que pensa no estudo tamo pensando em outra coisa.

7- Você acha que o modo (método) de ensino mudou? Por quê?

Aluna "J": Mudou. Muita coisa que muda os nomes, o jeito de aprende o jeito de o jeito de ensina.

Aluna "C": Mudou, porque eu achei que mudou mesmo.

Aluno "A": Não estudei, mas antigamente, pelo que eu vejo a mãe falando é bem diferente dos estudos de hoje.

Aluna "F": Vixi, mudou de mais, na leitura de hoje, no meu tempo não tinha.

Aluna "I": Hurum, na leitura o jeito de explica, hoje tá mais fácil.

Aluno "L": Mudo. É porque mudo.. os pouco dias que eu estudei quando menino é diferente da agora.

8- Você incentiva seu (s) filho (s) a estudarem? Por quê?

Aluna "J": Hurrum, para ativar mais no estudo, o pessoal não tem esforço... se dixer por conta...

Aluna "C": Mando. Porque tem que sabe lê, sem sabe lê não vai não.

Aluno "A": Incentivo. Porque eu sei que eles estudando vão ter um trabalho bom.

Aluna "F": Vixi, de mais da conta, tem que estuda aula de computação e arrumar um emprego maneiro.

Aluna "I": Eu falo, sem estudo é muito ruim, sem leitura não arruma serviço.

Aluno "L": Não. Porque uma que tava no meu poder já casou, mais não foi por causa que eu não quis, eu queria que ela estudasse... a outra está com a mãe dela pra lá.

9- Que você espera aprender?

Aluna "J": Aprender para trabalha num serviço melhor... não é? O que a gente aprender a gente... consegue um serviço bom pra gente.

Aluna "C": Que eu quero aprende a lê ... o que eu sabe é isso e mais coisa.

Aluno "A": Espero aprende um pouco de cada um... aprende bem.

Aluna "F": Eu espero aprender muito, passar nas minhas provas, aprender tirar uma conta... é isso.

Aluna "I": Eu espero aprender a lê... até que nas contas eu não sô muito ruda, escrever eu sei, eu quero é aprender a lê.

Aluno "L": Eu... eu espero aprende muito, não... porque na idade que eu to não tem como se formar... aprender alguma coisinha. Só aprendê lê jornal... eu tenho esse sonho.

10-Como você via a escola antes e como você a vê agora?

Aluna "J": Eu achava a escola muito importante. Do mesmo jeito, sempre boa, sempre os estudos bõo.

Aluna "C": Achava boa, só que eu fazia é não liga, eu brincava, por isso que eu não aprendi. Acho importante.

Aluno "A": Antes eu achava que eu era muito velho, mas hoje eu acho importante.

Aluna "F": Eu achava muito importante e tinha interesse em aprender e ser professora. Hoje eu tenho interesse de aprende mais.

Aluna "I": Não dava atenção para a escola ... a gente novo não se interessa. Hoje a gente que aprende, hoje a gente sabe a falta que a leitura fais... tudo a gente tem que pergunta pros outro.

Aluno "L": Até que eu achava importante é porque eu não tinha oportunidade como agora, eu tenho a oportunidade. Hoje é importante o estudo... não tem riqueza no mundo que importante que o estudo.

11-Você tem dificuldades em aprender? Quais?

Aluna "J": Um pouco. Ler e escrever também, eu sei mais ler do que escrever, lê pra mim é mais fácil do que escrever... uma hora eu chego lá, eu não sabia lê e agora eu sei um pouco.

Aluna "C": É ruim pra mim soletrar, mais eu conheço as letras aí eu junto as letras aí eu leio.

Aluno "A": Tenho um pouco. Acho mais difícil é escreve, escrever eu sou mais ruim em escrever.

Aluna "F": Não, minha dificuldade é a rua e o cansaço.

Aluna "I": Só de explica. Toda letra a gente sabe que nome aquela palavra vai dá.

Aluno "L": Bom, eu tenho por causa da idade... tem hora que a cabeça esquenta aí a gente calma um poquinho aí vai.

12-Você esta conseguindo aprender com o modo (método) que a professora ensina? Por quê?

Aluna "J": Tamos. Porque ela tem paciência de ensinar pra gente, ela explica e a gente presta atenção.

Aluna "C": Tô. Porque ela insina a gente direitinho.

Aluno "A": Tô. Ela ensina bem a gente, tem paciência, em cima de tudo pra ensina.

Aluna "F": Tô. Eu acho ela tão boinha pra ensina.

Aluna "I": Tô. É uma ótima professora boa pra ensina.

Aluno "L": Tá conseguindo, a gente faz um esforço... do jeito que ela tá insinando.

13-No seu modo de ver o que a escola trouxe para sua vida?

Aluna "J": Ajudou né?... ajudou, porque... na escola a gente aprende muita coisa.

Aluna "C": Ela trouxe muita coisa boa... só o estudo já é bom.

Aluno "A": Trouxe sim... o estudo.

Aluna "F": Acho que já me ajudou bastante, eu já intindi assim um pouco.

Aluna "I": Ajudou, porque hoje muito nome eu já sei o que é e o que significa pra gente.

Aluno "L": Trouxe. Bom... em muitas coisa que eu não sabia agora já sei... muitas coisas a gente... a mente da gente abriu um poquim.

14-Como é que você se sente dentro da escola?

Aluna "J": Eu me sinto bem... a gente se sente alegre.

Aluna "C": Eu acho bom.

Aluno "A": Eu me sinto bem.

Aluna "F": Eu me sinto feliz, com aquele prazer, eu estou conseguindo ainda com esta idade.

Aluna "I": Bem, porque qualquer problema a gente se sente mais alegre, e aquele problema sai de dentro da gente.

Aluno "L": Feliz.

15-O que você acha que falta na escola para você aprender mais?

Aluna "J": Eles tinha que ter livro pra dá pra gente... tem vez que não tem material a gente tem que compra.

Aluna "C": Tem que ter mais leitura... eu quero mais leitura, porque a gente aprende lendo leitura.

Aluno "A": Ixi, tá difícil, deixa eu vê... acho que não falta nada não.

Aluna "F": Até agora... acho que não tá faltando nada pra mim aprender mais.

Aluna "I": A leitura entra na cabeça da gente.

Aluno "L": Rapaz o que eu acho, uns livros das letras maior assim.

16-Você gosta de fazer as atividades e os trabalhos escolares sozinho ou em grupo? Por quê?

Aluna "J": Eu faço é sozinha, se tiver uma amiga a gente faz, mais eu faço mesmo é sozinha.

Aluna "C": Em grupo é bom, mais assim ... assim... eu acho melhor sozinha, porque é mais melhor, porque as pessoas que um dum jeito e outro doutra, assim não dá.

Aluno "A": Acho melhor em grupo né? A gente aprende melhor em grupo.

Aluna "F": Eu sozinha eu do fé que eu faço mais além. Em casa eu sinto mais bem.

Aluna "I": Em grupo é bom. Porque aquela ajuda se eu não sei de alguma coisa os colegas ajudam, vamos por aqui...

Aluno "L": Bom, grupo é bom, a gente sozinho eu acho que é maior, grupo é bom mais sozinhos..

17-Das matérias (disciplinas) que a professora ensina, quais as que você mais gosta? Por quê?

Aluna "J": Eu gosto de matemática porque é mais fácil... e pintura também, pintar né?

Aluna "C": Gosto de matemática... de português acho bom também. Porque a gente vai aprendendo.

Aluno "A": Conta, matemática. Porque eu acho mais fácil que as outras matérias.

Aluna "F": Matemática eu acho... toda que ela passa eu acho boa. Português, matemática...

Aluna "I": A conta. Porque é mais mio entra mais na minha cabeça.

Aluno "L": Eu gosto muito de matemática... o que entra mais na minha mente é matemática... português também.

18- Você gosta da maneira como a professora ensina? Acha que ela precisa melhorar? Em quê? Como?

Aluna "J": Eu gosto. Eu acho que tá bão, eu não acho erro nela assim não... ela tem paciência de insina a gente.

Aluna "C": Eu acho bom. Não do jeito... tá bom né?

Aluno "A": Gosto. Acho que não.

Aluna "F": Gosto. Do jeito dela tá bom.

Aluna "I": Gosto. Pra mim tá ótimo... tem paciência de fala com a gente.

Aluno "L": Hâm dimais. Não acho que não... não, não sei se é porque eu comecei a estudar agora... acho que não...acho que não... não sei se tem professora mais boa.

19-Você consegue aprender tudo que a professora ensina? Sente dificuldades? Quais?

Aluna "J": A gente consegue né? A gente consegue, se presta atenção né?"

Aluna "C": Consigo né. As continha de dois número que eu estou achano difícil."

Aluno "A": Consigo. Não, não tenho muita dificuldade assim, eu tô até disinvolverno até bem.

Aluna "F": Até agora eu consegui aprende. Não só a estrada mesmo.

Aluna "I": Hurrum, só na leitura.

Aluno "L": A gente não tá conseguindo tudo não, mais a gente faz força de aprende. Bom a vista da gente cansa e atrapaia.

Resposta da professora "C" da 1ª etapa, única.
Data: 10/06/05

01- Você nasceu em que cidade e estado?

- Eu nasci aqui mesmo em Xinguara no Pará.

02- Qual a sua idade?

-Tenho vinte três anos, mais já faço vinte e quatro no final do ano.

03- Quantas pessoas moram na sua casa?

-Na minha casa moram seis adultos e uma criança... sete pessoas.

04- Quem sustenta a sua família?

- Eu e minha mãe que é aposentada, eu porque tenho uma filha pequena e sou responsável por ela.

05-Há quanto tempo exerce a docência e há quanto tempo trabalha com EJA?

- Como professora vai fazer dois anos agora, com EJA é o primeiro ano.

06-Qual é a sua formação?

- Magistério.

07-Participa ou já participou de cursos, palestras ou seminários na área educacional? Com que frequência?

- Particpei do EJA e do PCN também. Só dos cursos de formação que continuo participando.

08- Até que ponto o curso de EJA e do PCNs, contribuiu para sua formação continuada?

-Contribuiu... aprendi mais aumentei minha aprendizagem.

09-Por que você escolheu essa profissão?

- Porque eu gosto muito de trabalhar com pessoas.

10-Você se sente realizada em sua profissão?

- Não sinto não porque eu tenho que fazer minha faculdade nem iniciei ainda.

11-Qual é o maior obstáculo que você encontra em sua profissão?

- A maior dificuldade... acho que é a falta de materiais didáticos.

12-Você acha importante planejar suas aulas? Por quê?

- Acho muito importante, todos os dias planejo a minha. Porque na hora de ir para a sala de aula a gente não vai saber o que vai dar, o que vai ensinar para os alunos, por isso, tenho que planejar.

13-Como é feito o seu planejamento?

-Procurando nos livros...

14-Você tem colaboração de alguém da escola na elaboração do seu planejamento?

Eu faço sozinha... é meu planejamento eu faço sozinha.

15-Que acesso você teve na composição das apostilas de EJA, distribuídas pela Secretaria Municipal de Educação?

-Participei sim da elaboração, nós escolhemos o material que nós iríamos trabalhar com os alunos, depois a coordenadora geral do EJA do município juntou tudo e construiu as apostilas.

16-Para você o que é ensinar e o que é aprender?

-Ensinar é explicar, aprender... é você ensinar, eu ensino e os alunos estão progredindo.

17-Qual a disciplina que você tem mais facilidade de trabalhar? E qual tem mais dificuldade?

- Português, sou boa de Português. Matemática, as continhas são muito difícil, cada dia que passa vai aumentando os resultados.

18-Que conteúdos você acha importante para a aprendizagem de seus alunos?

- Leitura é fundamental e a escrita também né?

19-O que você entende sobre educação contextualizada?

- Trabalhar sobre a vida deles, sobre o dia-a-dia deles, o que passa no dia-a-dia deles.

20-No início das aulas você faz um diagnóstico com seus alunos? Como ele é feito?

- Faço. Pergunto o nome, a idade, se mora no setor há muito tempo se não, se tem filhos, se passou muito tempo sem estudar.

21-Com esse diagnóstico você consegue conhecer a realidade em que vivem seus alunos?

- A maioria, porque eu conheço eles há mais tempo, porque a maioria mora perto da minha casa.

22-Você aproveita o conhecimento que os alunos trazem de casa para enriquecer as suas aulas? Como?

- Aproveito sim. Sim a Dona J. mexe com feira, o A. com tijolos. Aproveito isso para trabalhar na matemática. Aproveito também os conhecimentos deles para trabalhar meio ambiente.

23-Você tem alguma dificuldade em relacionar os conteúdos escolares com cotidiano de seus alunos?

- Não, não tenho dificuldade não.

24-Na sua opinião como os professores podem realizar um bom trabalho relacionando os conteúdos da escola (científico) de forma contextualizada?

-Estudando, sempre está estudando revendo, o professor tem que está sempre estudando não pode parar no tempo.

25-Para você o que os professores oferecem aos seus alunos quando ele deixa as sílabas soltas para trabalhar com textos do convívio social ao qual eles estão inseridos?

- Oferece a aprendizagem.

26- Você constrói textos juntos com seus alunos? Como esses textos são elaborados?

-Não, até agora ainda não.

27-Como você trabalha leitura e escrita com seus alunos?

- De textos, esses textos são retirados de livros didáticos.

28- Qual (quais) o (os) maiores desafios de ser educador de EJA no nosso município?"

- A desistência... evasão dos alunos, falta de material didático.

29-Você gosta de trabalhar com EJA? Por quê?

- Gosto, é o primeiro ano que estou trabalhando estou gostando, gosto mais de trabalhar com EJA do que com crianças.

30-Você encontra dificuldade em trabalhar com alunos de EJA?

- Não é o meu primeiro ano mas estou gostando.

31-Você acha que alguns conteúdos chamam mais atenção dos seus alunos? Quais?

- Contínhas, mais eles gostam, falou em Matemática eles querem todos os dias.

32- O jeito que você está trabalhando está surtindo resultado positivo ou negativo?

- Positivo, porque estão lendo, estão escrevendo bem está escrevendo do quadro.

33-No seu ponto de vista, o acompanhamento pedagógico está te auxiliando no seu trabalho?

- Está... Só está faltando é a gente senta se reunir, ter uma reunião entre nós.

**RESPOSTA DA COORDENADORA GERAL DA EJA DO MUNICIPIO DE
XINGUARA**

DATA: 05/12/05

1- Qual a sua formação?

- Sociologia.

2- A quanto tempo exerce a função de coordenadora de EJA?

- Um ano como coordenadora, mas como professora já trabalhei com a EJA.

3- Participou, ou participa de cursos, palestras ou seminários na área educacional?

- Sim, participei de um curso com oficinas de 80 horas, que foi a nível nacional.

4- Como é feito o acompanhamento pedagógico com os professores que trabalham com a EJA?

- A gente tem tentado fazer encontros periódicos, esse ano mesmo foram feitos cinco encontros, agora mesmo no final do ano estamos fazendo um curso de formação continuada para esses professores. E também acompanhando nas escolas.

5- Quais são os materiais didáticos utilizados pelos professores para trabalhar com a EJA?

- Material de apoio, selecionados pelos próprios professores, reproduzidos através xerox, para a confecção de apostilas.

6- Quem sentiu necessidades da confecção das apostilas?

- Os professores, os próprios professores que pediram... e a Secretária de Educação também sentiu essa necessidade por não ter nenhum material para trabalhar com EJA nas escolas

7- Como foram distribuídas essas apostilas?

- Distribuiu por professores, cada professor recebeu uma apostila e também para os alunos foram distribuídas algumas apostilas como de Português, Matemática, Ciências de 4ª etapa ... foram feitas por bimestre para os alunos, mas para os professores foram feitas por semestre.

8- Foi realizado algum curso para preparar os professores no trabalho com a EJA?

- Esse ano foi, está sendo feito agora, foi feita leitura de texto durante o ano e agora no final está sendo feitas oficinas pedagógica para melhorar a prática em sala de aula.

9- Que critério foi utilizado na seleção dos professores para trabalharem com EJA?

- Esse ano não, porque foi aproveitado o quadro do ano passado.

10- Existe recursos destinados para EJA? E esses recursos estão sendo aplicados na EJA? De que forma?

- Sim, embora tenha entrado somente no 2º semestre lá pelo mês de setembro, devido a inadimplência do governo anterior, mas conseguimos através de ação jurídica. A verba é distribuída assim, 60% pagamentos dos professores 40% distribuídos para a formação continuada e com materiais didáticos, conforme as necessidades apontadas pelos próprios professores.

ANEXO II – Observações

QUESITOS PARA A COLETA DE DADOS SOBRE A ESCOLA

- Localização
- Comunidade circundante
- Tipo de construção do prédio
- Prédios e seus compartimentos
- Espaços no entorno do prédio escolar
- Fundação da escola
- Funcionários da escola
- Funcionários, quantidade e função
- Uniforme escolar
- Processo avaliativo

1º dia de observação

Data: 23/02/05

Dados sobre a Escola X

Situada no Setor Chácaras no município de Xinguara, a referida escola está localizada em um setor de horticultura, que fornecem verduras para o município.

A comunidade que vive em torno da escola é de situação financeira razoável, por se tratar de pessoas que vivem do seu plantio, e por serem proprietários da própria chácara onde produz suas verduras, porém o outro setor é ocupados por pessoas humildes com pouco poder aquisitivo.

O prédio da escola possui cinco salas de aula, uma sala de secretaria, uma diretoria, uma sala de professores, uma ampla cozinha, onde é feita a merenda, (mas, a merenda só é fornecida para os turnos: matutino e vespertino, pois, o turno da noite comporta somente pessoas da EJA), há uma pequena biblioteca que comporta alguns livros, e também uma pequena sala de vídeo. Existe um almoxarifado, onde são colocados os materiais de limpeza e os materiais de Educação Física (bola, corda, rede etc). Além dos banheiros dos alunos (que comporta três repartimentos com vasos sanitários e dois com chuveiros, e também duas pias para lavarem as mãos. Tudo isso tanto no banheiro masculino quanto no banheiro feminino) na escola há também mais dois banheiros um na secretaria e um na sala dos professores.

A escola dispõe de um espaço amplo onde entre cada pavilhão foram construídos canteiros de flores e de verduras. O corredor é bem largo e coberto e na frente da cozinha tem um grande galpão onde os alunos merendam. O local de recreação é nos fundos da escola, onde foi construído um campinho gramado.

A escola é bem iluminada, tanto durante o dia quanto durante a noite, e bem limpa, tanto as salas, os corredores e os banheiros.

Referente às salas de aulas (tamanho físico, posição do quadro de giz, oferta de cadeiras e mesas) demonstra-se favoráveis ao processo de ensino aprendizagem.

A fundação da escola data de janeiro de 1986 , já sofreu algumas reformas e ampliação.

Existem cerca de dezesseis professores atuando nas salas de aulas. Há uma diretora, uma coordenadora, que revezam seus horários de estádias na escola. Tem um guarda que fica na escola durante a noite um zelador que cuida da escola durante o dia e sete pessoas responsáveis pelos serviços gerais. Há um total de 284 alunos distribuídos nos três turnos, em cinco salas de aula.

Na escola funciona os três turnos: matutino, alfabetização e 1ª a 4ª série; vespertino pré-escola e 5ª a 8ª série e noturno com a EJA, (1ª, 2ª e 3ª etapas).

O uniforme ainda não é obrigatório, pois, ele foi escolhido por todos os alunos da rede municipal de ensino no início do ano letivo, sendo assim, ainda não foi confeccionado.

No processo avaliativo são atribuídas aos alunos notas ao longo do ano, em quatro bimestres, distribuído durante o ano letivo.

Observação na sala de aula
Professora: "C"
Turma: 1ª etapa alfabetização

A sala de aula é ocupada pela turma de alfabetização e a 1ª etapa (a alfabetização funciona na mesma sala devido à quantidade de alunos matriculados nessa série ter sido pequena) a sala é ampla e espaçosa. As paredes estão em bom estado, pintada em duas cores, da metade da parede para baixo de cor azul a outra metade de cor branca. A quatro janelas grandes com grades, na parte baixa da sala , existem tijolos perfurados. Existe uma porta de ferro e o piso é de cimento queimado.

Quanto à iluminação é adequada, pois, na sala tem quatro lâmpadas fluorescente que ficam acesas. Sobre a ventilação, a sala, tem somente um ventilador, porém satisfatório pela quantidade de alunos e pelo o espaço físico da sala.

Sobre os objetivos disponíveis na sala, existe uma mesa e uma cadeira para a professora e vinte e seis carteiras para os alunos. E um quadro de giz que tem um bom tamanho cerca de três metros de comprimento e dois e meio de largura com o formato retangular.

No que se refere à ambientação da sala de aula, há quatro cartazes onde demonstra o alfabeto maiúsculo e minúsculo e as consoantes também maiúsculas e minúsculas.

2º dia de observação
Data: 09/03/05
Número de alunos presentes: 6 alunos

Hoje, a sala está quase vazia, tem somente 6 alunos, pois, choveu muito durante a tarde toda e até anoitecer, com isso muitos alunos tem dificuldades de chegar até a escola por causa dos alagamentos.

A professora chegou na sala as 19:05 horas e os alunos já se encontravam na sala. Então a professora, entra e diz:

-Boa noite. – enquanto isso apaga o quadro de giz e divide-o.

Nesse mesmo momento ela pergunta para o aluno "A":

- "A" a água passou sobre a ponte?

Ele respondeu:

- Passou e foi muito, eu fiquei com medo que a água afogasse moto.

Em seguida a professora chega até uma aluna novata chamada de "G" e pergunta:

- Quantos anos você tem ?

Ela responde:

- 14 anos, vou fazer 15 no mês que vem. A diretora me mandou estudar a noite.

A aluno "J" pergunta:

- Professora é português? Ela responde:

- É português dona "J".

Ela escreve no quadro de giz.

Escola Municipal de Ensino fundamental X

Português

Sai da sala e diz:

- Vou bem ali e já volto. Enquanto isso os alunos ficam em silêncio copiando do quadro.

A professora volta e continua escrevendo no quadro de giz.

Sapo Cururinho

Sou o sapo Cururinho.

Vim do rio.

Saí do ovo.

Vivi n' água

Que nem peixinho.

Chamava girino

E tinha um rabinho.

O rabo sumiu,

a pança aumentou.
 Cresceram patinhas.
 Virei um sapinho.
 Pulei fora d' água
 e aqui estou.

Depois de copiar o texto no quadro, a professora vai até um aluno no fundo da sala, e diz:

- Vamos seu "L". Ela responde:

- Huum.

A professora começa:

- b+a = ba, b+e = be, b+i = bi, b+o = bo, b+u = bu.

Depois que ela fala ele responde:

- b+a =ba, b+e = be, b+i =bi, b+o = bo, b+u = bu.

Depois ela recomeça:

- c+a = ca, c+o =co, c+u = cu. Ele respopnde novamente, só que dessa fez diferente.

- ca, co, cu.

A professora fala novamente:

- d+a =da, d+e = de, d+i = di, d+o =do, d+u = du

A aluna "F" começa a conversar, a professora chega até a sua carteira e pergunta:

- O que foi.

A aluna mostra o caderno. A professora olha o caderno dela, em seguida vai até o quadro e diz:

- Até aqui está certo, mas quando você vem para cá não precisa saltar linha.

Depois ela volta até a aluna e diz:

- Agora sim.

Depois ela volta na cadeira do aluno "L" e ele começa a falar:

- fa, fe, fi, fo, fu

- ja, je, ji, jo, ju.

A professora então elogia:

- Muito bem seu "L".

E fica do seu lado passando atividades em seu caderno. E fala:

- Vai fazendo ai, seu "L". Ele responde:

- Huum.

Ele fica copiando e a professora vai até a aluna "F", e olha o seu caderno, em seguida pergunta:

- Você não quer sentar mais na frente.

A aluna "F", levanta da cadeira, a professora pega sua cadeira e leva para frente e diz:

- Aqui está bom.

O aluno "A", pergunta para a professora:

- Você estava indo para o colégio aquele dia. A professora responde:

- Estava indo para a casa do meu avô. E você?

- Estava indo para a rodoviária.

A professora olha o caderno de todos os alunos e diz:

- Agora vamos ler.

E começa a apontar as frases no quadro de giz e os alunos vão lendo. (alguns alunos já consegue ler), quando os alunos chegam na palavra "pança", a professora pergunta:

- O que é pança? Em seguida ela mesmo responde:

- Pança é o mesmo que barriga.

E continua apontando as frases do texto para que os alunos leiam. Depois diz:

- Agora quero ver a leitura de um por um.

Pega o livro e começa tomar a leitura, o primeiro aluno que é o "A" ler bem, o segundo aluno também ... mas quando ela chega no quarto aluno ela pega uma carteira e senta do seu lado e diz:

- Pega um livro para você ler, e você também. - E aponta para a aluna "F".

A aluna "F" responde:

- Eu não.

A professora, senta do lado da aluna "C", e ela começa a soletrar, (s com a é as um p com o é pó é sapo.), quando a aluna "C" chega na frase "sair do ovo" ela começa a rir, a professora também sorri e diz:

- É sair do ovo mesmo.

O aluno "L" fica olhando para o caderno, aguardando a professora, de repente ele escreve, para olha novamente para o caderno e escreve novamente. Tudo isso acontece enquanto a professora toma a leitura da aluna "C".

Terminada a leitura, ela levanta e diz. Aluna "F" agora é sua vez, e senta mais afastada dos outros alunos. E começa a soletrar com a aluna do mesmo jeito que fez com a aluna "C", até o final do texto.

Depois, ela vai até o aluno "L" e diz:

- Terminou seu "L"?

Ele responde:

- É assim, ai, ai, ai.

A professora diz:

- É assim. Ai que dor de cabeça.

Ele ler novamente:

- E com i, ei.

A professora responde:

- Ei, vem aqui.

Ele diz:

- U com i, ui.

A professora responde:

- Uí, que calor.

A professora pede que ele repita com ela.

- ai, ai, ai, ai

ei, ei, ei, ei

ui, ui, ui, ui

Depois ela vai para sílabas, ela pergunta:

- b com a. Ele responde:

- ba

Ela pergunta:

- b com e. Ele responde:

- be.

Ela pergunta:

- b com i. Ele responde:

- bi.

Ela pergunta:

- b com o. Ele responde:

- bo.

Ela pergunta:

- b com u. Ele responde.

- bu.

Ela pega novamente o caderno do aluno "L" e pergunta.

- O senhor passou por aqui? Referindo a estrada principal que dá acesso a escola.

Ele responde:

- Passei, mas está muito ruim.

A professora então pergunta:

- Por cima não é melhor? Referindo a outra estrada que dá acesso a escola.

Ele responde:

- Mas é mais longe, e escuro.

E começa a fazer atividades no caderno dele.

Depois ela diz:

- O senhor faz até aqui.

Ele pergunta:

- Até aqui.

A professora responde:

- Não, só até aqui.

A professora se dirige então até o quadro de giz e diz:

- Vamos continuar.

A aluna "J" abre a boca, a professora pergunta:

- Está com sono dona "J"?

Ela responde:

- Mais não durmo,

A professora pergunta:

- Já tomou chá da folha do maracujá?

Ela responde:

- Já minha filha, eu tenho dificuldade de dormir desde pequena. E essa noite, parece que tinha alguém que foi até o cochete, porque os cachorro latiu a noite toda.

A professora escuta, depois ela diz:

- Salta uma linha e escreve.

Estudo do texto

1- Qual é o nome do sapinho?

A professora faz a pergunta oralmente, depois de escrita no quadro de giz. E os alunos respondem em coro:

- Cururinho. Só uma aluna que tem dificuldade de pronunciar a palavra. Depois ela diz:

- Olha esses dois risquinhos é para saltar duas linhas.

Ela vai até aluna "F" e espera-a copiar. E escreve.

2- O sapinho saiu de onde?

Da mesma forma faz a perguntas oralmente. E todos respondem:

- Do ovo.

A professora então diz:

- Duas linhas novamente. E faz dois risquinhos no quadro.

A professora vai até a porta, conversa um pouco com a outra professora, volta e continua escrevendo.

3- Onde o sapinho vivia?

Novamente faz a pergunta oralmente, só que ninguém responde. Então a aluna "J" lê a pergunta e responde:

- Onde o sapinho vivia? Na água, não é?

A professora vai até a aluna "F" e diz:

- Não você, escreve primeiro a pergunta e depois você escreve a resposta.

A aluna "F" então pergunta:

- Apaga tudo e deixa as duas linhas?

A professora responde:

- Isso mesmo.

Depois, ela vai novamente para o quadro de giz e escreve.

4 – Complete :

O rabo _____.

A professora explica dizendo:

- Vocês vão completar, procurando no texto a resposta.

A aluna "J" lê e diz:

- Agora me ferrei.

A professora vai até a sua carteira e mostra para ela onde está a palavra rabo e diz:

- Viu, agora é só a senhora, lê o que vem depois dessa palavra e escrever no espaço. Volta para o quadro e escreve.

A pança _____.

Novamente, lê em voz alta, o aluno "A" responde imediatamente:

- Aumentou.

E no momento em que estava escrevendo a professora foi dizendo:

- Isso é para saber quem entendeu o texto e quem não entendeu. Escreveu.

Cresceram _____.

Virei um _____.

Pulei fora _____.

Toda a frase que escreve, a professora lê em voz alta. Neste momento a aluna "F" diz:

- Professora não entende.

A professora vai então até a carteira dela e explica como é para responder.

A professora, sai da sala discretamente, e enquanto isso os alunos copiam em silêncio. o único barulho que se ouve é de alguns alunos soletrando palavras do

A aluna, "J", termina de copiar e diz:

- Professora, me ajuda.

A professora se levanta e vai até a sua carteira e explica, um pouco para ela, e assim ela vai passando de carteira em carteira e explicando como se deve responder as atividades.

Nesse momento o aluno "L", levanta e enfia o lápis no buraco da janela. A professora pergunta:

- Seu "L", o senhor está apontando o lápis no buraco da janela?

Ele dá um leve sorriso e responde:

- Não estou só afinando.

Ela vai até a aluna "J", e começa lê para ela mostrando no texto e diz:

- Olha a pança, olha aqui onde está a pança, o que aconteceu com ela, ela aumentou.

A aluna então pergunta:

- Escreve tudo?

A professora responde:

- Não, só "aumentou", olha a "pança" já tem aqui você só vai escrever "aumentou".

A professora vai até a aluna "F" e diz:

- O "rabo", onde está o "rabo" no texto. A aluna "F" então aponta e responde:

- "Sumiu". A professora continua:

- Pois é, você só vai escrever "sumiu".

Depois, que todos terminam de escrever ela vai até o quadro de giz e diz:

- Agora, cada um de vocês vai escrever no quadro a resposta com letras maravilhosas. O aluno "A" então diz:

- A minha letra é feia não vou escrever.

A professora, diz:

- Agora, não, vamos esperar a aluna "F" responder e a gente escreve. Levanta da cadeira, vai até o aluno "L" e ele começa a ler:

- a, e, i, o, u, n, o, d, t, s, b, c, v, h, i, p, o.

Depois a professora vai até o quadro de giz e diz:

- "A" você responde primeiro.

Ele escreve no quadro "Sapo cururinho" e pergunta:

- O de vocês está certo.

A professora pega o giz e diz:

- Agora, é a senhora dona "J".

Ela escreve do ovo. A professora pega o giz e diz agora é sua vez "G", ela diz:

- Mas essa eu não alcanço.

A professora então fala para ela:

- Então responde as de baixo.

A professora chama a aluna "C" e lê para ela:

- Onde o sapinho vivia? - A professora mesmo responde - na água.

A aluna "C" diz:

- A mais difícil. A professora fala:

- Se você quiser, pode levar o caderno.

Mas mesmo com o caderno a professora tem que falar para ela todas as letras para ela conseguir responder.

A professora chama novamente o aluno "A" e ele responde : A pança cresceu. Ela chama a aluna "F" e ela responde: Cresceram patinhas. A aluna "C" também é chamada e leva o caderno para copiar a resposta, mas mesmo com o caderno a

professora tem que ajudá-la a escrever. Terminado de responder no quadro a professora, pede para que os alunos levem o caderno na sua mesa para ela dar vistos. Antes de terminar de vistar os cadernos o sino toca e os alunos vão saindo da sala um por um.

3º dia de observação

Data: 15/03/05

Número de alunos presente 12 alunos

A professora entrou na sala e disse:

- Boa noite.

Os alunos responderam em coro:

- Boa noite professora.

A professora escreve no quadro.

Escola Municipal de Ensino Fundamental Cinderela

Português

Recorte:

A professora, sai da sala, quando ela chega, vem carregada de materiais para a aula, e logo que entra diz:

- Esses alunos não chegam rápido para começarmos.

O Aluno "A" chega e diz:

- Cheguei atrasado?

A professora responde:

- Só um pouquinho.

A professora pega o caderno da aluna "I" e passa algumas sílabas para ela copiar, então pega o caderno do aluno "L", e também passa algumas atividades. Enquanto os alunos, conversam entre se:

O aluno "A" diz:

- Os caminhos estão passando tudo por aqui por conta de um buraco lá na outra estrada. Referindo a uma cratera feita na Belém-Brasília. E a estrada já tá toda ruim.

O aluno "A" volta para o aluno "T" e diz:

- Eu cheguei por último e já fiz, e você só fica enrolando.

A professora sai novamente e volta com tesouras e cola para a atividade.

Depois chega a sala e diz:

- Vamos fazer um círculo. E começa, organizar as carteiras em círculos. Em seguida pega uma vasilha com tesouras e as entrega para os alunos.

O aluno "A" volta novamente para o aluno "T" e diz:

-Ei, "T" vê se você não vai fazer que nem a Nazaré. E mostra a tesoura segurando-a com firmeza na mão ameaçando-o.

A professora pega alguns livros velhos e entrega, um para cada aluno e vai dizendo:

Vocês vão recortar as letras dos seus nomes e vão colar no caderno.

A aluna "B" pergunta:

- Mas aqui tem toda a letra do meu nome?

A professora responde:

- Tem todas as letras.

A aluna "E" sorri. E pergunta:

- Mas é letrinha por letrinha.

A professora responde:

- É letrinha por letrinha.

O aluno "L" diz:

- Eu não achei nada.

A professora chega até ele e diz:

- Mas o senhor nem abriu ainda o livro.

Ela pega o livro e começa a folhear e diz:

- Olha aqui, olha quantas letras tem. Qual é a primeira letra do seu nome?

Ele não responde, então a professora diz:

- Olha seu nome escrito, a primeira letra do seu nome é "L", e depois, você continua olhando qual é a próxima letra.

A professora então se levanta do lado do aluno "L" e vai até a carteira da aluna "C" e também e também, ajuda-a encontrar a primeira letra do seu nome, mostrando-a no livro.

A professora vai até a aluna "I" e pergunta:

- Você encontrou?

Ela responde:

- Não, não consegui.

A professora, então diz:

- O seu nome começa com a letra "I" você tem encontrar essa letra só que e a grandona.

A professora se retira, a aluna "I" fica tentando e diz para se mesmo:

- Mas é muito difícil.

A professora volta na cadeira da aluna "I" e começa a folhear o seu livro a professora aponta a letra no livro e fala:

- Aqui a letra do seu nome. Agora, é só você recortar e colar.

O aluno "T" chama a professora e diz:

- Aqui não tem a letra "T" grande, porque eu não acho.

A professora vai até a carteira dele e responde:

- Tem sim, é só você procurar.

A aluna "I", pergunta:

- Professora é para recortar o nome todinho?

A professora responde:

- Todinho. Nesse momento alguns alunos sorriem.

Os alunos que vão terminando vão até a carteiras dos que estão com dificuldades para poder ajudá-los. A professora então diz:

- A dona "J" já terminou, vamos terminar também.

A professora vai até a cadeira da aluna "I" e pergunta:

- O que foi?

Ela responde:

- Você pega com o cabo do lápis, você passa a cola e cola.

Os alunos vão colando até terminar. A professora então diz:

- Agora trazem o caderno para que dê visto.

Os alunos entregam um, a um, o caderno para a professora e ela carimba-o e dá visto. Neste momento o sino bate e os alunos saem da sala.

4º dia de observação

Data: 23/03/05

Número de alunos presentes: 12 alunos

A professora entrou na sala e diz:

- Boa noite, como estão vocês?

Os alunos, respondem em coro:

- Bem.

Somente o aluno "T", reafirma:

- Estou ótimo professora.

A professora então diz:

- Muito bem "T". –E continua – Amanhã não haverá aula para vocês...

Mas antes que a professora terminasse de dar o recado. A coordenadora, chega até a porta e pede à professora que vai até ela. A professora então, interrompe o recado e vai até ela, e então as duas conversam pouco tempo. Depois a professora volta para turma e diz:

- Olha, amanhã haverá aula normal, era para nos planejarmos, mas foi adiado e assim vai ter aula.

Terminado o aviso a professora, vai até o quadro de giz e escreveu.

Escola Municipal de
Ensino Fundamental
Cinderela

Português

A ovelha de
Tia Maria é
Malhada.
Tia Maria cuida
Bem de sua ovelha
A ovelha passeia
Pela fazenda.

Um dia, ela foi
Picada pela abelha.
Tia Maria ficou com
Pena de sua ovelha
E cuidou dela com
Muito carinho.

Depois de escrever no quadro, a professora pega o carimbo e começa a carimbar, os cadernos dos alunos.

No momento que a professora estava carimbando o caderno, a aluna "I" pergunta:

- O que é que vai ter sexta-feira?

A professora responde:

- Vai ter uma festa.

A aluna "C" perguntou:

- Começa que horas?

A professora responde:

- As 7:00 horas.

O aluno "A" então pergunta:

E vai terminar que horas?

A professora responde novamente:

- Lá pelas 10:00 horas.

Ele fala novamente:

- Só até as 10:00 horas!

A aluna "B" então pergunta:

- Vai ser igual aquela festa?

A professora questiona:

- Que festa?

Ela continua:

- Igual a do dia das mulheres.

A professora responde:

- Não sei!

O aluno "A" pergunta:

- Já terminou dona "B"?

Ela responde:

- Sou ligeira, termino tudo ligeiro.

A professora pergunta:

- Fez tudo bonitinho!

Ela responde:

- Bem bonitinho.

Então os outros alunos começam a sorri.

Depois de terminar de carimbar os cadernos dos alunos, a professora pega o livro e vai de cadeira em cadeira para que os alunos leiam o texto no livro.

Os alunos começam a comentar sobre as chuvas que alagaram as estradas. A aluna "E" disse:

- Siá, levantei 6:30, pra trazer meus filhos pro colégio, mas quando cheguei aqui, a chuva apertou, mais foi chuva forte.

A aluna "J" também comenta:

- Marabá uma hora dessa, deve está debaixo as água.

O aluno "L" responde:

- Ta nada.

A aluno "J" continua:

- Ta sim eu vi no jornal que a água ta desabrigando as pessoas.

Então a aluna "E" diz :

- Deus que me perdoe, mais eu acho tão bão na época da chuva, porque é tanta água em Marabá, que dá vontade de só ficar olhando.

Enquanto isso a professora está tomando a leitura da aluna "F". Ela lê soletrando, e bem devagar, a professora, coloca a cadeira do lado da carteira dela para poder esperar a sua leitura. (Para lê a palavra ovelha, ela lê assim O+V com E OVE, L+H+A LHA ovelha).

Depois que a professora terminou de tomar as leituras, ela foi até o quadro e apagou-o. E disse:

- Falha uma linha e escreve.

Estudo do texto

A professora escreve, e vai até o aluno "L" e diz:

- Já fez seu "L".

Ele responde:

- Já.

A professora fala novamente:

- Faz bem bonitím.

Ele repete:

- Bem bonitím. – e sorri.

A professora vai novamente até o quadro de giz e diz:

- Pula outra linha e escreve.

Responda:

1-

a) – Como é a ovelha da tia Maria?

Depois de escrever a pergunta ela diz:

- Como era a ovelha da tia Maria? É malhada não é?

Os alunos respondem:

- É.

A professora então fala:

- Saltam duas linhas, e escrevam.

b) – Complete:

A professora, fala:

- É para vocês completarem.

Tia	Maria	_____	de	sua
A	ovelha	_____	passeia	pela

A ovelha foi picada pela

Depois de terminar de escrever a professora vai até a aluna "I" e olha como ela está escrevendo. Depois, vai até a aluna "F" e olha como ela está escrevendo.

A professora vai até o quadro e diz:

- Esses pontinhos aqui bonitinhos são para vocês escreverem o que está faltando. - Os pontinhos que ela se refere, são os pontinhos de completar.

A professora volta novamente para a aluna "I" e pergunta:

- Onde a senhora está empacada?

A aluna responde:

- Eu parei bem ali.

Nesse momento a aluna "F" chama a professora na sua carteira e diz:

- Olha aqui professora.

A professora responde:

- Agora sim, pontim, pontim, bem bonitim.

Os alunos sorriem, a aluna "E" e a aluna "D", chamam a professora ao mesmo tempo ela diz:

- Estou indo, estou indo.

Passando de carteira em carteira a professora vai explicando, para cada aluno.

Depois, que todos responderam ela senta na sua cadeira e pede que todos os alunos levem o caderno para ela carimbá-los e dar visto. Neste momento o sino bate e os alunos vão pegando o seu caderno dizendo:

- Boa noite professora.

Ela responde:

- Boa noite e até amanhã.

5º dia de observação

Data: 31/03/05

Número de alunos presentes: 10 alunos

A professora chega na sala e diz:

- Boa noite. Como vocês estão.

Os alunos respondem:

- Estamos bem.

Enquanto isso a professora vai escrevendo no quadro de giz.

Curva

curva

Aberta

fechada

E entregou uma atividade, onde apresentava, desenhos com linhas, curvas, linhas retas, linhas abertas e linhas fechadas.

No momento, em que alguns alunos estavam fazendo a atividade, ela colava no caderno as atividades dos que já havia terminado.

Entrou dois alunos novatos na escola, foi então que a aluna "E" disse aos novatos:

- Se tiver dúvida pode perguntar para a professora.

A professora ouve o que ela diz e olha para os alunos e diz:

- Já, já, estou indo lá.

E assim, enquanto a professora estava explicando, a aluna "F" estava explicando a aluna "D".

A professora continua andando de carteira em carteira explicando como fazer os exercícios.

Depois que todos terminaram os exercícios a professora disse:

- Agora, vamos dar continuidade.

Passou novamente de carteira em carteira explicando onde cada um iria escrever. Apagou o quadro de giz e disse:

- Escrevam.

Matemática

Atividades

Volta para os alunos novatos e diz apontando para risco abaixo da palavra Matemática:

- Toda vez que tiver um risco assim, vocês pulam uma linha. E continuou escrevendo.

1- Marque um X na linha aberta:

2- Marque um X Na linha Fechada:

3- Marque um X na linha reta:

4- Marque um X na linha curva:

No momento em que a professora estava escrevendo no quadro a aluna "J" disse:

- Olha professora o meu lápis está quebrando todinho.

A professora volta até ela e diz:

- O que foi?

Ela responde:

- Nada não.

A professora, então volta para toda a turma e diz:

- Faz bem bonitim.

Alguns alunos da turma sorriem e a aluna "J" repete:

- Bem bonitim.

O aluno novato "M", estava, sentindo dificuldade, mas não chamou a professor, mas esta sentindo que ele estava com dificuldade pegou uma cadeira e sentou-se do seu lado e começou a explicá-lo como copiar do quadro:

Nesse momento o aluno "A" perguntou:

- Professora, pode responder.

A professora respondeu:

- Pode sim "A".

Depois de dar algumas noções de como copiar do quadro de giz para o aluno "M", ela levantou-se da cadeira e começou a andar pela sala, explicando os alunos como fazer as atividades.

Enquanto isso, o aluno "A" e o aluno "T" começou a discutir como resolver os exercícios. Nesse momento a aluna "E" chama a professora para ver seus desenhos, a professora então diz:

- Nossa, ficou bem bonitim.

O aluno "A" levanta do seu lugar vai até a cadeira da aluna "E" e diz:

- Professora eu não dou conta de fazer o dado.

Então a professora, vai até o quadro e desenha uma casa.

E diz:

- Se vocês não derem conta de fazer o dado podem fazer a casa.

Então, ela pega o caderno do aluno "T" e do aluno "A" e carimba-os, pois eles terminaram as atividades.

A aluna "E" levanta do seu lugar e leva o caderno para a professora ver, a professora diz:

- Nossa, ta vendo não é só dizer que não da conta tem que tentar.

Depois, de muitos alunos reclamarem que estavam com dificuldade, ela vai até o quadro de giz e começa a explicar passo a passo como se faz um dado, até todos conseguirem fazê-lo.

Assim, que todos terminam de fazer o dado, a professora passa de carteira em carteira carimbando novamente todos os cadernos.

A professora diz:

- Agora, vamos responder, não é só dizer que aprendeu, tem que aprender mesmo.

A professora chama a aluna "F" e lê o enunciado da questão 1. Ela pega o giz e risca a linha que parece um S. a professora diz:

- Marque certo no caderno de vocês.

Depois, a professora chama o aluno "T" e também lê o enunciado da questão 2 para ele, e ele marca e diz:

- Marque certo no caderno de vocês.

A aluna "J" se oferece para marcar a questão 3, e marca. E por último o aluno a para responder a questão 4.

Terminada as atividades, a professora pede para os alunos se agruparem e diz:

- Agora, vocês vão pintar os desenhos. Mas dessa vez, vai ser da cor que vocês quiserem.

E assim os alunos começam a pintar os desenhos. O silêncio reina na sala. Nisso o aluno "T" sugere:

- Professora, porque a senhora não roda desenho no chamequinho pra gente pinta?

A professora responde:

- Eu vou rodar para vocês.

O aluno "T" continua:

- Eu tenho muito desenho.

A professora responde:

- Então traz para mim, que eu rodo para vocês.

No momento em que os alunos vão terminando vão entregando o caderno para a professora e ela vai dando visto e eles vão saindo, antes de sair o último o sino é tocado.

6º dia de observação

Data: 05/04/05

Número de alunos presentes: 10 alunos

A professora chega na sala e diz:

- Boa noite, como vai vocês.

Alguns alunos respondem:

- Boa noite professora.

A professora diz:

- Hoje, nós vamos estudar formas geométricas.

E escreve no quadro.

Quadrado

retângulo

círculo

triângulo

Depois, entregou uma atividade mimeografada para os alunos. Que apresentava os seguintes enunciados:

Aluno

(a)

Atividade de Matemática

- 1- Escreva os nomes das figuras geométricas planas:
- 2- Que figura geométrica representa o tampo de cada mesa:
- 3- Escreva o tipo de figura plana parecida com cada objeto.

Os alunos respondiam os exercícios em silêncio, pintaram os desenhos, e depois, entregaram para a professora recortar as bordas dos exercícios mimeografados, para poder colar nos cadernos.

No momento em que o aluno "A" entrega a atividade para a professora recortar ela pergunta:

- Já fez?

O aluno "A" responde:

- Já, rápido como dofleche.

Depois que todos os alunos fizeram a atividade mimeografada, a professora disse:

- Vamos continuar com a matemática, escrevam.

Ela, escreveu no quadro de giz.

Matemática

- 1- Escreva plana ou não plana:

Depois de escrever a professora lê o enunciado em voz alta. E continua escrevendo.

a)- A porta da sala de aula tem uma superfície

Lê novamente o enunciado.

b)- Uma bola tem uma superfície

E novamente lê o enunciado.

c)- piso da sala de aula tem uma superfície

d)- Um palhaço tem uma superfície

e)- A régua tem uma superfície

A professora volta a ler as perguntas em voz alta.

f)- Uma árvore tem uma superfície

g)- Um relógio tem uma superfície

Nesse momento, começa, relampear e trovejar, o aluno "L" fala:

- É com essa chuva, quem mora naquele brejo fica atolado.

A professora diz:

- É nós seu "L".

A aluna "L" completa:

- Não, é aqueles que mora lá do outro lado da ponte.

A chuva começa a cair forte, e os alunos ficam desesperados para irem embora, porém a chuva para e eles ficam na sala. Enquanto isso a professora passa de carteira em carteira, explicando cada atividade no caderno dos alunos. (E a chuva continua a cair). Depois, que a professora percebe que todos os alunos a responderam chama um por um para responder as atividades no quadro de giz. Quase todos alunos respondem no quadro com facilidade, com exceção da aluna "J" é que não consegue, e por isso, a professora tem que soletrar, letra por letra.

A aluna "F" então pergunta:

- Amanhã uma hora dessa nós vamos ta fazendo o que dona "J"?

Ela responde:

- Nós, vamos ta comendo bolo com refrigerante.

A aluna "F" continua:

- É mesmo vamos comer bolo.

A aluna "J" fala novamente:

- Mesmo se chover nós vem. Temos que comer os salgados do seu "L".

O Aluno "L" sorri, e diz:

- Tem que vim mesmo.

A aluna "F" pergunta:

- O senhor encomendou o que, pastel ou cochinha?

Ele respondeu:

- Pastel.

A chuva da uma trégua porém, continua a relampear e a trovejar, os alunos ficam eufóricos e a aluna "I" diz:

- Professora, vou mim embora porque estou gripada e não posso pega chuva.

A professora fica calada e ela sai da sala. E assim os alunos vão saindo um por um. A professora foi obrigada a dispensar a turma.

7º dia de observação

Data: 14/04/05

Número de alunos presentes: 6 alunos

A professora chega na sala e diz:

- Boa noite.

E continua:

- Uma musiquinha para gente. E escreve no quadro.

Português

Cantando com a paixão

Com A, escrevo Amor
 Com P, escrevo Paixão
 Com C, escrevo Cristina
 Cristina do meu coração.

Com A, escrevo Amor
 Com P, escrevo Paixão
 Com F, escrevo Felipe
 Felipe do meu coração.

Com A, escrevo Amor
 Com P, escrevo paixão
 Com M, escrevo Maria
 Maria do meu coração.

Com A, escrevo Amor
 Com P, escrevo Paixão
 Com T, escrevo Tiago
 Tiago do meu coração.

Terminado de copiar o texto no quadro de giz, a professora sentou-se na cadeira e ficou esperando, que os alunos terminassem de escrever. Ela então fez um comentário:

- Hoje é a folga do seu "L". (O aluno "L" é o guarda da escola e estuda no seu horário de trabalho nos dias de suas folgas ele não vai para escola).

O aluno "A" pergunta:

- O que?

A professora repete:

- Hoje é folga do seu "L".

O aluno "T" comenta:

- Hoje ele ta de folga amanhã ele ta bem apertadinho. (referindo as atividades que se acumulam).

O aluno "A" comenta:

- Esse menino, chegou lá em casa esses dias me dizendo assim, 'Ei tem uma mulher que quer vender umas galinhas.' Ai, eu disse pra ele que tava sem dinheiro, mas ele queria mesmo era uma carona. Então ele me encheu tanto o saco que eu acabei levando ele e comprei cinco galinha".

O aluno "T" só sorri...

Pouco depois ele chega até o aluno "A" e diz:

- Sabia que batom é bom pra machucado.

O aluno "A" responde:

- Não.

O Aluno "T" continua:

- Pois, é esquisitamente esquisita verdade. Olha essa ferida aqui, eu sarei ela com batom.

A professora pega o livro com o texto que ela copiou no quadro e começa a tomar a leitura dos alunos. Os alunos que tem dificuldades de ler ela começa a soletrar com eles. Por exemplo: O nome Felipe ela diz: F com e Fé, l com i li, p com e pe Fé li pe.

Depois, de tomar a leitura de todos os alunos a professora diz:

- Agora, vamos cantar.

O aluno "T" diz:

- Professora eu não consigo cantar.

A professora responde:

- Consegue sim, quer ver vamos lá.

E ela puxa a cantoria e assim pouco a pouco todos os alunos vão cantando junto com a professora. No final da música o aluno "T" diz:

- A professora é profissional ela cantou a música todinha sem desafinar.

A professora dá um sorriso sem graça e diz:

- Continuando a atividade.

A aluna "C" diz:

- Professora não cabe.

A professora diz:

- Vira a página, olha gente se não caber na mesma folha vira a página.

E começou a copiar no quadro de giz.

Português

Atividades

Agora é sua vez.

Complete o espaço abaixo com o nome da pessoa que você mais gosta.

Com A, escrevo Amor

Com P, escrevo Paixão

Com _____, escrevo _____
 _____ do meu coração.

A professora, termina de copiar no quadro de giz e diz:

- Olha, copia do jeito que esta aqui no quadro depois eu explico como fazer.

Espera um pouco até os alunos copiarem e sai de carteira em carteira ensinado para os alunos como responder as atividades.

Explicado os exercícios, a professora vai até o quadro de giz e fala:

- Agora, eu vou colocar o nome do meu amor.

E coloca o nome de sua filha nos espaços, e diz:

- Traga os cadernos para mim corrigir.

E assim o sino bate, mas mesmo assim, os alunos esperam a professora corrigir as atividades para eles poderem sair.

ANEXO III (apostilas didáticas utilizadas na EJA de Xinguara)

Vamos ouvir esse texto e discuti-lo:



COMUNICAÇÃO

É importante saber o nome das coisas. Ou, pelo menos, saber comunicar o que você quer. Imagine-se entrando numa loja para comprar um... um... como é mesmo o nome?

"Posso ajudá-lo, cavalheiro?"

"Pode. Eu quero um daqueles, daqueles..."

"Pois não?"

"Um... como é mesmo o nome?"

"Sim?"

"Pomba! Um... um... Que cabeça a minha. A palavra me escapou por completo. É coisa simples, conhecidíssima."

"Sim senhor."

"O senhor vai dar risada quando souber."

"Sim senhor."

"Olha, é pontuda, certo?"

"O que, cavalheiro?"

"Isso que eu quero tem uma ponta assim, entende? Depois vem assim, assim, faz a volta, aí vem reto de novo e, na outra ponta, tem uma espécie de encaixe, entende? Na ponta tem outra volta, só que é mais fechada. E tem um... Uma espécie de, como é que se diz? De sulco. Um sulco e onde encaixa a outra ponta, a pontuda, de sorte que o, a, o negócio, entende, fica fechado. É isso. Uma coisa pontuda que fecha. Entende?"

"Infelizmente não, cavalheiro..."

2

Se você fosse o vendedor, o que imaginaria ser o objeto?

Por que você acha que o vendedor não entendeu o que o comprador queria dizer?

Qual a importância da comunicação? Como ela deve ser?

Como seria o mundo sem a comunicação?

Vamos tentar definir a palavra "comunicar".

1) Comunicar é

2) Comunicar é

3) Comunicar é

Quando um bebê nasce, a primeira maneira que ele encontra para se comunicar é chorando. Toda vez que ele chora, nós sabemos que quer se comunicar.

Mais tarde, a criança aprende a falar e, depois, a escrever, sempre aperfeiçoando a sua comunicação.

Um adulto pode se comunicar de várias maneiras: falando, escrevendo, desenhando... Enumere as várias formas de comunicação que você conhece.

FALAR

Vamos falar de você?

- Qual é o seu nome?
- Quando você faz aniversário?
- Você é casado (a)? Qual é o nome do seu marido ou esposa?
- Você tem filhos (as)? Qual o nome deles?
- Você tem netos (as)? Qual o nome deles?
- Onde você mora?
- Qual é o seu passatempo preferido?
- Se você pudesse escolher fazer alguma coisa, o que faria?
- Existe algum lugar de que você gostaria muito de conhecer?

Vamos fazer alguns exercícios para treinar a sua comunicação oral, ou seja, a sua fala. Escute com atenção as situações problemas e pense em como você faria.

1

Você precisa de uma autorização especial para construir sua casa num terreno da prefeitura. Então, você resolve ir até o gabinete do prefeito e falar com ele.

Como você começaria esta conversa?

2

Você foi a uma entrevista, para tentar ser admitido num determinado trabalho. Entre tantas perguntas que o moço lhe fez, está uma importante:

— Por que você acha que serve para trabalhar nesta empresa? O que você responderia?

3

Você está precisando de um adiantamento do seu salário. Como você pediria este adiantamento? Como falaria com seu chefe?

ESCREVER

Vamos escrever sobre você?

Com a ajuda do professor, tente completar esta ficha.

- 1- Qual é o seu nome? _____
- 2- Quantos anos você tem? _____
- 3- Onde você nasceu? _____
- 4- Qual é o seu estado civil? () solteiro () casado () outros _____
- 5- Qual é a sua altura? _____
- 6- Com quem você mora? _____
- 7- Qual é a sua profissão? _____
- 8- Qual é o seu programa preferido de televisão? _____
- 9- Qual é o seu passatempo preferido? _____
- 10- Qual foi o lugar mais bonito que você conheceu? O que tinha neste lugar? _____
- 11- Você tem algum sonho? Qual? _____
- 12- Se um gênio aparecesse e desse a você o direito de fazer um pedido, o que você pediria? _____

Vamos ouvir?

INTELIGÊNCIA E LINGUAGEM

Todos os animais apresentam comportamentos instintivos, inclusive o homem. Isso quer dizer que há atos que não são aprendidos, são naturais desses animais, por exemplo: ninguém ensina à tartaruga que ela deve enterrar seus ovos, nem aos filhotes dela que, após o rompimento da casca do ovo, eles devem rumar em direção ao oceano; do mesmo modo, ninguém ensina um bebê a mamar, ele já nasce sabendo que deve fazer o movimento de sucção para alimentar - se.



Veja: um urso ensinará seu filhote a caçar e pescar, mas o urso não irá aprimorar esta capacidade inventando espingarda ou redes de pesca. Já uma criança, ao receber um brinquedo, conseguirá formas diferentes de manusear daquela que aprendeu. Disso pode-se concluir que o instinto não explica todos os comportamentos humanos, há algo mais: a inteligência.

É por meio da inteligência que o ser humano aprende e transforma. Um exemplo claro disso é a capacidade de comunicação por meio da língua. O uso da língua não pode ser explicado pelo instinto, é necessário um processo de aprendizagem e transformação; um bebê japonês, criado aqui, no Brasil, falará português, porque é esta a língua falada neste território. O homem também consegue imitar o som dos outros animais, pois tem a capacidade de percepção e observação, já um outro animal não fará a mesma coisa.

Assim, concluímos que o homem é um ser que fala. É a palavra que caracteriza fundamentalmente o homem e o difere do animal.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires.
Filosofando. São Paulo. Moderna. 1993

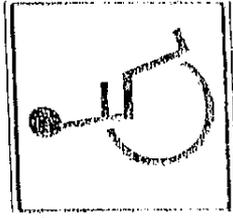
Vamos pensar no assunto?

- Qual a diferença entre instinto e inteligência?
- O que o homem faz por instinto?
- O que o homem já inventou usando a inteligência?
- Além da inteligência, o que diferencia o homem dos outros animais?
- Quais as invenções mais importantes do homem?
- Em sua opinião, quais invenções do homem são desnecessárias?
- O que ainda não foi inventado e que faz falta?
- Se você fosse dono de uma empresa, patrocinaria invenções? Quais?

SIGNOS E SIGNIFICADOS

Existem, na sociedade, alguns símbolos que foram criados para que haja uma comunicação sem que exista uma pessoa.

Esses símbolos dão informações importantes, indicando lugares, distância e determinando comportamentos. Vamos tentar ler os símbolos:



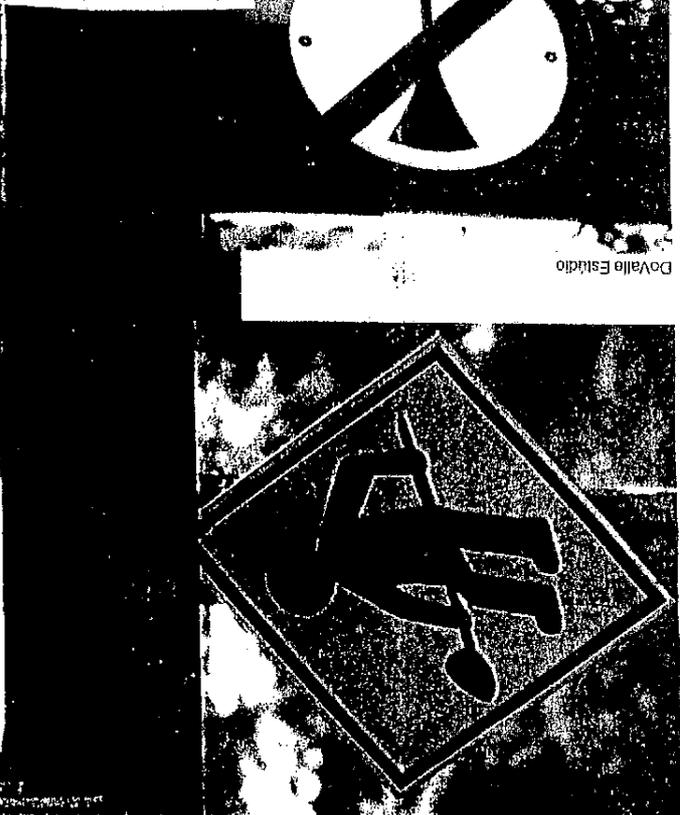
RÓTULOS

Os meios de comunicação podem tornar um produto famoso, conhecido por todo país. Isso acontece por meio da propaganda, principalmente da televisão e das revistas, nas quais aparecem imagens com os nomes dos produtos, geralmente acompanhadas por um símbolo, que pode ser letras especiais (siglas) ou desenhos, o qual facilmente é memorizado por nós.

Essa imagem vai para os jornais, para os folhetos promocionais, para o outdoor, para os vidros dos ônibus e para diversos lugares públicos. E esses produtos se tornam tão conhecidos que até quem não sabe ler pode identificá-los. Quer ver? Vamos ler esses rótulos:

AS IMAGENS

Preste atenção na sua cidade. Você vai perceber que ela é cheia de imagens:



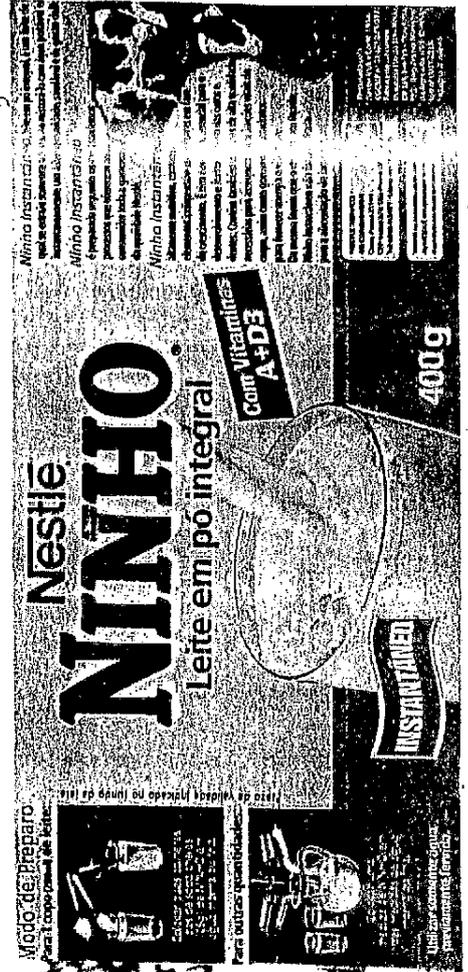
Dovalle Estúdio

Nelson Toledo

Agora vamos trabalhar em grupo!

Leiam a embalagem abaixo e procurem as seguintes informações:

- Qual é a marca do produto?
- O que é o produto?
- O que tem no produto?
- Qual é o peso do produto?
- A embalagem é reciclável?



Dovalle Estúdio

2 FAÇA COMO SOUBER

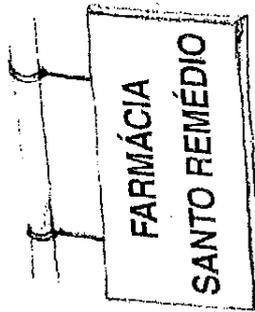
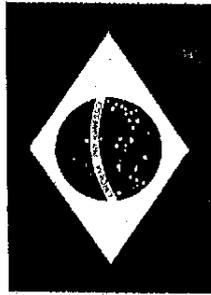
ANTES DE APRENDER A LER E ESCREVER, VOCÊ JÁ CONHECE MUITOS SÍMBOLOS QUE ESTÃO NO MUNDO EM QUE VIVE.

OBSERVE OS SÍMBOLOS ABAIXO:

Na cidade existem muitas placas de advertência. Elas servem para orientar as pessoas. Observe estas placas e procure nos quadros () que elas querem dizer.

Professor: Faça este exercício oralmente.

NÃO PISE
NA GRAMA



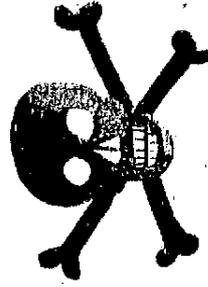
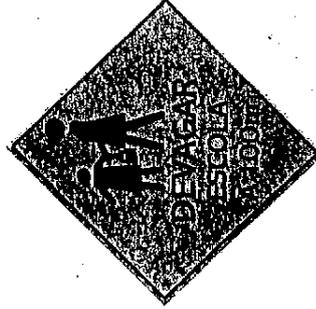
É proibido fumar



Reservado para pessoas deficientes



É proibido trazer cachorro



CONVERSE COM SUA TURMA:

- O QUE SIGNIFICAM ESSES SÍMBOLOS?
- EM QUE LUGARES VOCÊS PODEM ENCONTRAR CADA UM DELES?



MAIZENA®



O homem é apenas uma parte deste imenso planeta. Ao redor dele existem plantas, animais e muitas paisagens.

Cada ser vivo é capaz de se comunicar, seja com os homens ou com outros animais de sua espécie.



A comunicação dos animais é feita apenas por meio de sons e movimentos. Escrever é um privilégio apenas do homem!

Pense um pouco e complete as frases com a ajuda do professor:

Para se comunicar, o gato _____ e o cachorro _____

Para se comunicar, o boi _____ e a ovelha _____

Para se comunicar, a galinha _____ e o galo _____

Para se comunicar, o sapo _____ e o asno _____

O que você acha disso?

Four horizontal lines for writing a response.





A ESCRITA

O nosso sistema de escrita foi inventado há muito tempo. Com ele, podemos ler e escrever bilhetes, cartas, jornais, revistas, livros e inúmeros outros textos.

Você consegue imaginar por que a escrita é tão importante na nossa vida?

Converse com os colegas e dê sua opinião.



4. Você acha que escrever é importante? Por quê?

Resposta pessoal.

5. Leia este texto e conheça a história do nosso alfabeto:

Quem inventou as letras do nosso alfabeto?

Ruth Rocha

A invenção do alfabeto foi uma das maiores conquistas do homem em todos os tempos.

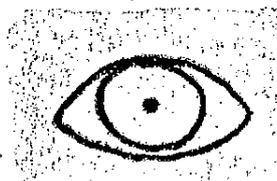
O alfabeto que conhecemos hoje e com o qual escrevemos teve origem há três mil anos.

A importância dessa invenção consiste em representar todos os sons de uma língua com apenas 22 letras.

Quem inventou o alfabeto e deu nome às letras foram os fenícios. Quando as letras foram inventadas, elas eram desenhos. Com o tempo elas foram se modificando. Por exemplo, o **L** era o desenho de um leão e, com o tempo, foi mudando até ficar como é hoje:



A mesma coisa aconteceu com as outras letras. Veja o que aconteceu com a letra **O**:

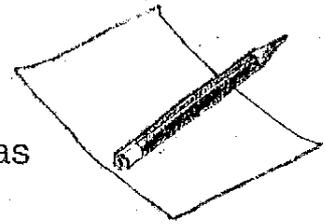


O **O** era o desenho de um olho, depois foi mudando até ficar essa bolinha com rabinho que nós usamos hoje.

(O livro das letras. São Paulo: Melhoramentos, 1993. Texto adaptado.)

Agora pense e responda:

Há muito tempo, quando os fenícios inventaram as letras, ainda não existiam papel, caneta e lápis.



Como você acha que os fenícios faziam para desenhar as letras?

Resposta pessoal (provavelmente eles entalhavam as letras na pedra).



Construindo a escrita

Atividades de linguagem

1. Junte as sílabas e forme palavras. Escreva no seu caderno.

con es jo ri de xo cai te xe tar re

esconderijo, caixote, xeretar

2. Circule a primeira sílaba das palavras que você escreveu.

esconderijo, caixote, xeretar

3. Agora coloque as palavras na mesma ordem do alfabeto. Escreva as palavras em colunas no seu caderno.

A B C D E F G H I J L M N O P Q R S T U V X Z

esconderijo
caixote
xeretar

4. Escreva, na frente das palavras, o que elas significam. Procure no **Vocabulário**, no final deste livro.

Atividades de ortografia

1. Desenhe duas colunas no seu caderno e copie estas palavras:

rato	Serafina
resolvi	xeretar
roda	diário
rua	madeira

COMUNICAÇÃO ESCRITA

A comunicação escrita só pode existir porque as palavras existem. Para se formar uma palavra é necessário uma combinação das letras do alfabeto. Veja o alfabeto.

A B C D E F G H I J L M
N O P Q R S T U V X Z

Vamos contar quantas letras tem no alfabeto: _____

De todas essas letras, 5 são vogais. São elas: A, E, I, O, U. Circue essas letras no quadro do alfabeto.

Tirando as vogais, sobram as letras que chamamos de consoantes.

Vamos contar quantas consoantes existem no alfabeto: _____

Seu nome _____

Marque um traço embaixo das letras que formam o seu nome.

Quantas letras tem o seu nome? _____

Quantas letras do seu nome são vogais? _____

Quantas letras do seu nome são consoantes? _____

As palavras

Vamos observar as palavras e contar quantas letras cada uma tem. Coloque o número de letras no quadradinho:

MÁ = SAL = AMAR =

CAPIM = SAPATO = AMARRAR =

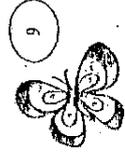
AS PALAVRAS E SEUS SIGNIFICADOS

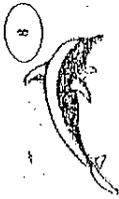
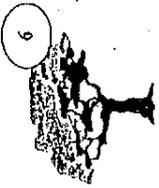
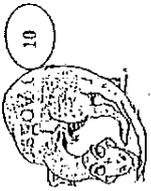
Vamos fazer um jogo.

Observe as palavras do quadro e as figuras.

Cada figura tem seu nome, que é escrito com várias letras. Preste atenção no número de letras indicado nas figuras para descobrir qual palavra corresponde ao seu nome. Algumas vezes você vai ter que escolher.

SAPO	BORBOLETA	PEIXE	GALINHA
ÁRVORE	DINOSSAURO	CRUZ	COBRA
FORMIGA	GOLFINHO	SOL	JACARÉ





CONTANDO E ESCRREVENDO

Vamos treinar a escrita das letras do alfabeto. Mas preste atenção, copie as letras quantas vezes estiverem indicando os números dos quadrinhos.

5 A

4 B

8 C

3 D

4 E

6 F

3 G

6 H

4 I

5 J

7 L

4 M

3 N

6 O

5 P

4 Q

4 R

6 S

2 T

8 U

5 V

7 X

12 Z

CENTRAL DO BRASIL



O filme Central do Brasil ficou conhecido mundialmente em Berlin, por ganhar o Urso de Ouro num festival de filmes estrangeiros. A história é bem brasileira e começa com uma carta.

Dora (Fernanda Montenegro) escreve cartas para analfabetos na Central do Brasil. Nos relatos que ela ouve e transcreve, surge um Brasil desconhecido e fascinante, um verdadeiro panorama da população migrante, que tenta manter os laços com os parentes e com o passado.

Uma das clientes de Dora é Ana, que vem escrever uma carta com seu filho, Josué (Vinícius de Oliveira), um garoto de nove anos, que sonha encontrar o pai que nunca conheceu. Na saída da estação, Ana é atropelada e Josué fica abandonado.

Mesmo a contragosto, Dora acaba acolhendo o menino e envolvendo-se com ele. Termina por levar Josué para o interior do nordeste, à procura do pai.

À medida que vão entrando país adentro, estes dois personagens, tão diferentes, vão se aproximando... Começa, então, uma viagem fascinante ao coração do Brasil, à procura do pai desaparecido, e uma viagem profundamente emotiva ao coração de cada um dos personagens do filme.

Uma carta é a melhor maneira de mandar notícias para quem está longe. Mas nem todos sabem escrever, por isso os analfabetos do filme recorriam a Dora para escrever suas cartas.

Um queria mandar notícias para a família, outro queria se comunicar com a namorada, o outro queria se comunicar com o pai, que não conhecia. Enfim, cada um com seu motivo.

____ Você gostaria de escrever uma carta para alguém?

41

Com certeza existe alguém, em algum lugar, querendo notícias suas.

Para escrever uma carta a gente tem que saber primeiro o que quer escrever.

Projeto

DICIONÁRIO

Atividade

APRENDENDO A USAR DICIONÁRIO

A ordem alfabética que você aprendeu a usar, quando fez sua agenda de endereços, é usada para organizar diversos materiais: listas de todas as espécies, dicionários, enciclopédias e outros.

Hoje, vamos ver como está organizada essa grande lista de palavras que é o dicionário.

Dicionário é o livro que registra um conjunto de palavras organizadas alfabeticamente. O dicionário da língua portuguesa, além de mostrar como são escritas as palavras, traz seu significado e algumas informações gramaticais.

ESCREVA as palavras abaixo em ordem alfabética:

CAVALINHO, VAGALUME, ESTRELA, TERRA

NOITE, BRINQUEDO, FADÁ, SONHO, CORAÇÃO

É fácil consultar o dicionário; o principal é conhecer bem o alfabeto. Para treinar um pouco, COMPLETE abaixo com as letras que estão faltando:

F, , , , L

S, , , , Z

L, , , , Q

B, , , , G

N, , , , S

A, , , , F

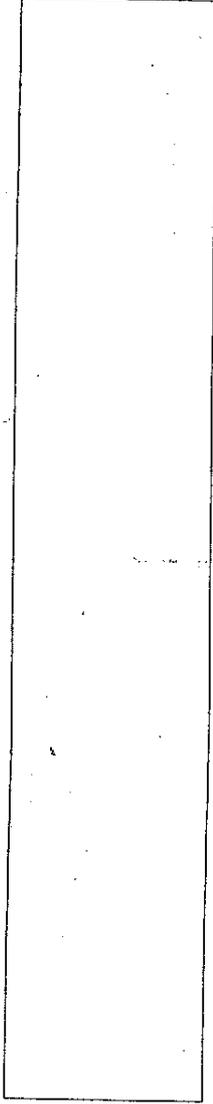
OBSERVE as palavras abaixo:

GOIABA, GIRAFÁ, GARRAFA, GRADE, GELÉIA

Todas começam com a mesma letra. Portanto, temos que ordená-las prestando atenção nas segundas letras.

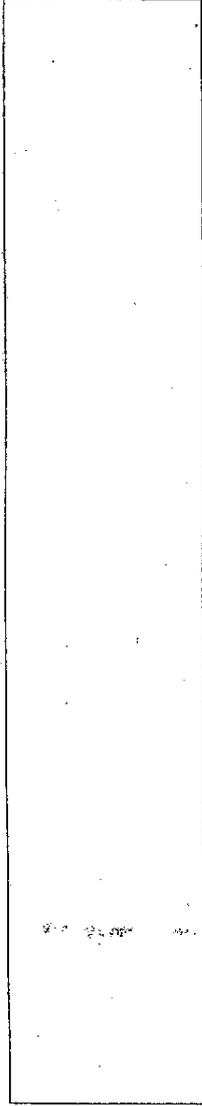
Faça um círculo em torno da segunda letra de cada palavra.

Experimente colocá-las agora em ordem alfabética.

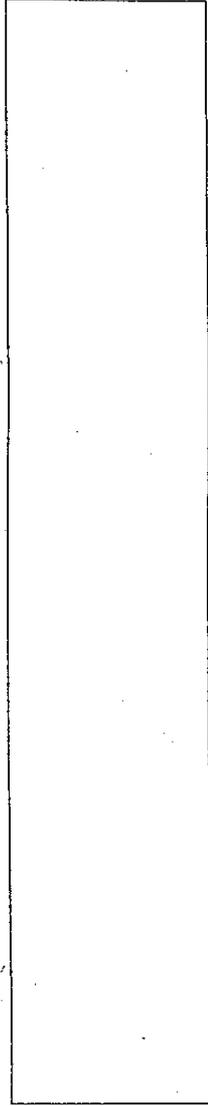


COLOQUE as palavras abaixo em ordem alfabética, guiando-se pela segunda letra:

BRINQUEDO, BARULHO, BOLINHO, BEIJU



CAFÉ, CHAVE, CLARA, CORRIDA



APRENDER
PRA
VALER!

COLOQUE as palavras abaixo em ordem alfabética. Guie-se pela terceira letra.

PEREGRINO, PENETRAR, PESADO, PEQUENO, PELÚCIA

RECUPERAR, RENDOSO, REFLEXO, RELÂMPAGO, RETRATO

FAÇA um círculo em volta da terceira letra de cada palavra:
FAÇANHA, FADIGA, FAÍSCA, FARAÓ, FATIGAR

Agora coloque-as em ordem, reparando na ordem alfabética da terceira letra:

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO



O mundo é imenso, cheio de lugares distantes que parecem inatingíveis. Mesmo assim, conseguimos saber o que se passa em outras cidades, estados e até países.

Por meio dos meios de comunicação, o mundo parece que fica menor, mais perto, mais real.

Quando ligamos nossa televisão, podemos nos transportar para os Estados Unidos, para o Japão ou para uma pequena ilha onde um vulcão acordou.

Ainda temos o rádio, o telefone, a internet, os jornais, as revistas etc. Tudo para nos fazer saber o que acontece nesse mundo que, apesar de tão grande, parece pequeno por causa dos meios de comunicação.

Vamos pensar nos benefícios que nos trazem os meios de comunicação.

- Pense um pouco e, com a ajuda do professor, complete as frases:
- 1- Pelo _____ podemos ouvir notícias e músicas internacionais.
 - 2- Podemos falar pelo _____ com alguém que está distante.
 - 3- A _____ produz imagens que nos transmitem notícias e nos mostram como é o mundo lá fora.
 - 4- Podemos ler as notícias no _____ 43
 - 5- Os _____ e as _____ também são meios de comunicação.

A CARTA COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO

Uma carta escrita por Pero Vaz de Caminha, um tripulante da Caravela de Pedro Álvares Cabral, o descobridor do Brasil, ao rei de Portugal, foi a primeira descrição que fizeram do nosso país.

Caminha contou na carta como era o Brasil na época do descobrimento. Vamos conferir:

Carta a El Rei D. Manuel

(...)

Enquanto andávamos nessa mata a cortar lenha, atravessavam alguns papagaios essas árvores, verdes nus, e patos, outros, grandes e pequenos, de sorte que me parece que haverá muitos nesta terra... Outras aves não vi então, a não ser algumas pombas, e parecem-me maiores bastante do que as de Portugal.

Vários diziam que viram rolas, mas eu não as vi. Todavia, segundo os arvoresos são mui muitos e grandes, e infinitas espécies, não duvido que por esse serão haja muitas aves!

(...)

Esta terra, Senhor, parece-me que, da ponta que mais contra o sul vimos, até à outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvémos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas de costa. Traz ao longo do mar, em algumas partes, grandes barreiras, umas vermelhas, e outras brancas; e a terra de cima toda chá e muito cheia de grandes formosas. Pelo serão nós pareceu, vista do mar, muito grande; porque a estender olhos, não podíamos ver se não terra e arvoresos — terra que nos parecia muito extensa.

Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo, a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro-e-Minho, porque neste tempo d'agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas, infinitas. Em tal maneira é graciosa, que querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!

Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.

(...)

Beijo as mão de Vossa Alteza.

Deste Porto Seguro, da Vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, Sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500.

Pero Vaz de Caminha.

MATEMÁTICA

Santana, 14 de Maio de 2002.

Caro Diretor,

Gostaríamos de solicitar livros para os alunos do 3º ano. São 67 alunos que não têm condições de comprar.

Queremos aproveitar para pedir para o senhor abrir uma nova sala para os alunos de reforço, pois a sala está lotada e tem 18 alunos sem carteira.

Outro assunto que gostaríamos de tratar é sobre a indisciplina de certos alunos na sala de aula. São 12 alunos que não colaboram e atrapalham as aulas. Pedimos que o senhor, por favor, tome uma providência.

Esperamos contar com a compreensão do senhor.

Ass. Comissão de Alunos

Vamos pensar no assunto:

Uma comissão de alunos está escrevendo uma carta ao diretor, fazendo algumas solicitações.

Qual é a primeira solicitação?

A primeira solicitação foi feita para atender aos alunos do 3º ano.

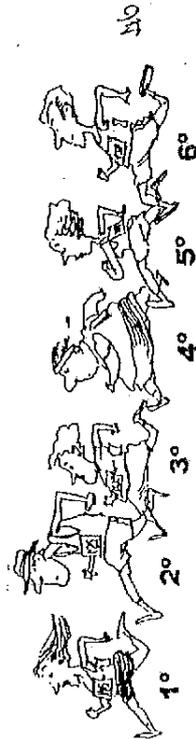
O algarismo terceiro é um número ordinal.

Vamos conhecer os números ordinais:

NUMERAIS ORDINAIS

Os números ordinais indicam ordem.

Veja:

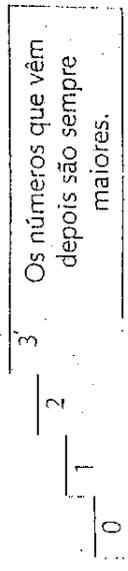


Se fossem 80 alunos, seria mais ou menos alunos precisando de livros? Por quê?

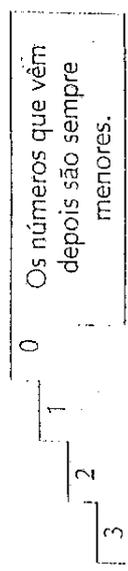
Se fossem 40 alunos, seria mais ou menos alunos precisando de livros? Por quê?

ORDEM CRESCENTE E DECRESCENTE

A ordem dos Números Pode ser Crescente ou Decrescente.
A ordem crescente começa pelo menor número e vai aumentando.
Veja o exemplo:



A ordem decrescente começa com o número maior e vai diminuindo.
Veja o exemplo:



Vamos treinar?

Os números abaixo estão desorganizados. Coloque-os primeiro em ordem crescente e, depois, em ordem decrescente.

7 11 5 12 2 9 4
14 1 3 8 6 13 10

Dona Maria ficou casada 20 anos e teve 10 filhos. Primeiro veio o Sebastião e foi aquela festa! Depois veio a Joana e formou um casal. Depois veio a Amália e até que não foi mal. Mas depois vieram os gêmeos Lúcia e Lúcio, e mais o Francisco, o Paulo, a Marta, a Joaquina e o Zezinho. Ufa! É filho que não acaba mais! Agora que você ouviu a história, organize os filhos da dona Maria por ordem de nascimento:

- 1º _____ 2º _____ 3º _____
- 4º _____ 5º _____ 6º _____
- 7º _____ 8º _____ 9º _____
- 10º _____

Vamos conhecer os números ordinais de 1 a 30:

- 1º - primeiro 2º - segundo 3º - terceiro
- 4º - quarto 5º - quinto 6º - sexto
- 7º - sétimo 8º - oitavo 9º - nono
- 10º - décimo 11º - décimo primeiro 12º - décimo segundo
- 13º - décimo terceiro 14º - décimo quarto 15º - décimo quinto
- 16º - décimo sexto 17º - décimo sétimo 18º - décimo oitavo
- 19º - décimo nono 20º - vigésimo 21º - vigésimo primeiro
- 22º - vigésimo segundo 23º - vigésimo terceiro 24º - vigésimo quarto
- 25º - vigésimo quinto 26º - vigésimo sexto 27º - vigésimo sétimo
- 28º - vigésimo oitavo 29º - vigésimo nono 30º - trigésimo

De volta à carta

Uma comissão de alunos escreveu uma carta ao diretor fazendo algumas solicitações.

Qual foi mesmo a primeira solicitação da comissão?

Se fossem 70 alunos, seria mais ou menos alunos necessitando de livros? Por quê?

Ordem Crescente:

Ordem Decrescente:

NÚMERO MAIOR E NÚMERO MENOR

Paulo tem dez canetas.

10

Lúcia tem 12 canetas.

12

Quem tem mais canetas?

O número 12 é maior que o número 10, portanto Lúcia tem mais canetas que Paulo.

Um número pode representar mais ou menos do que outro, portanto ele pode ser maior ou menor.

Observe os pares de números abaixo e circule os maiores no primeiro quadro e os menores no segundo quadro:

a) 11 - 10
b) 8 - 12
c) 1 - 2
d) 10 - 147

a) 15 - 06
b) 13 - 10
c) 5 - 7
d) 1 - 9

Retomando

Gostaríamos de solicitar livros para os alunos do 3º ano. São 67 alunos que não têm condições de comprar.

Queremos aproveitar para pedir para o senhor abrir uma nova sala para os alunos de reforço, pois a sala está lotada e tem 18 alunos sem carteira.

Outro assunto que gostaríamos de tratar é sobre a indisciplina de certos alunos na sala de aula. São 12 alunos que não colaboram e atrapalham as aulas. Pedimos que o senhor, por favor, tome uma providência.

Qual é a segunda solicitação da comissão?

Na sala de reforço tem 18 alunos sem carteira.

Construa uma reta com 18 espaços representando os dezoito alunos:



Agora responda:

1- Se na sala coubessem mais 5 carteiras, quantos alunos sentariam no chão?

2- Se na sala coubessem mais 8 carteiras, quantos alunos sentariam no chão?

3- Se na sala coubessem mais 2 carteiras, quantos alunos sentariam no chão?

4- Se na sala coubessem mais 10 carteiras, quantos alunos sentariam no chão?

Represente nesta reta o número de alunos indisciplinados:



1- Se aparecessem mais 2 alunos indisciplinados, quantos seriam?

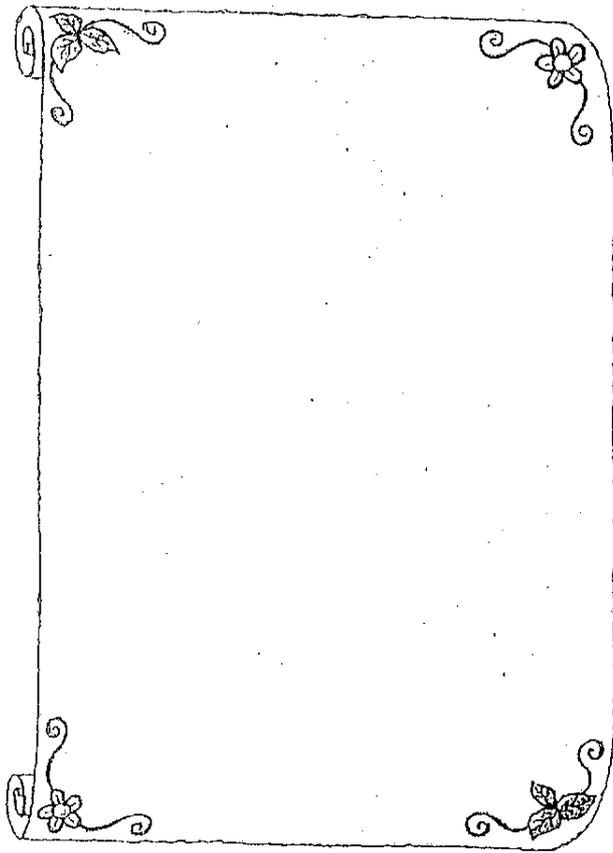
2- Se aparecessem mais 4 alunos indisciplinados, quantos seriam?

118



Pesquisa — Uma letra do alfabeto

1. Em grupo, escolham, junto com seu professor, uma letra do alfabeto. Depois procurem em revistas e jornais figuras de objetos cujo nome se inicia com a letra escolhida. Encontrando as figuras, recortem-nas.
2. Escrevam, cada um no seu caderno, os nomes das figuras recortadas.
3. Registrem no Dicionário da Classe os nomes e os desenhos das figuras.
4. Agora, individualmente, procure em revistas ou jornais palavras iniciadas com a letra escolhida e cole-as no espaço abaixo.



Cantando com paixão

Acompanhe a leitura das quadrinhas abaixo. Se souber cantar, cante.

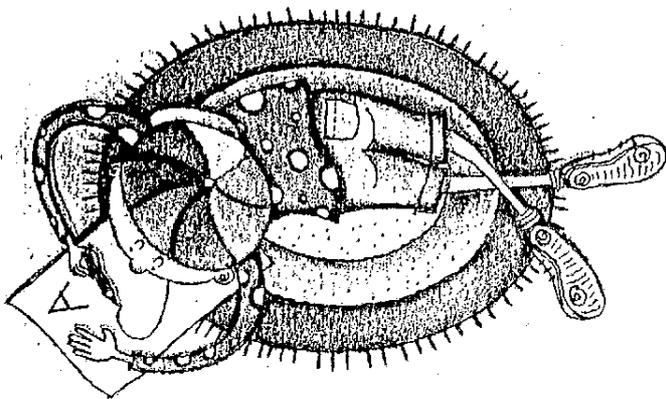
Com A, escrevo Amor.
Com P, escrevo Paixão.
Com C, escrevo Cristina
Cristina do meu coração.

Com A, escrevo Amor.
Com P, escrevo Paixão.
Com F, escrevo Felipe
Felipe do meu coração.

Com A, escrevo Amor.
Com P, escrevo Paixão.
Com M, escrevo Maria
Maria do meu coração.

Com A, escrevo Amor.
Com P, escrevo Paixão.
Com T, escrevo Thiago
Thiago do meu coração.

(Pedro Lima Pierre. CD As 20 mais belas cantigas de roda. TW&A Produções.)

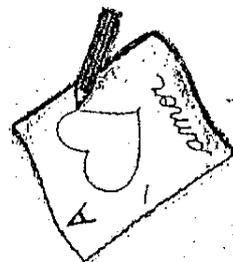


Agora é a sua vez. Complete a quadrinha abaixo com o nome da pessoa de que você mais gosta:

Com A, escrevo Amor.

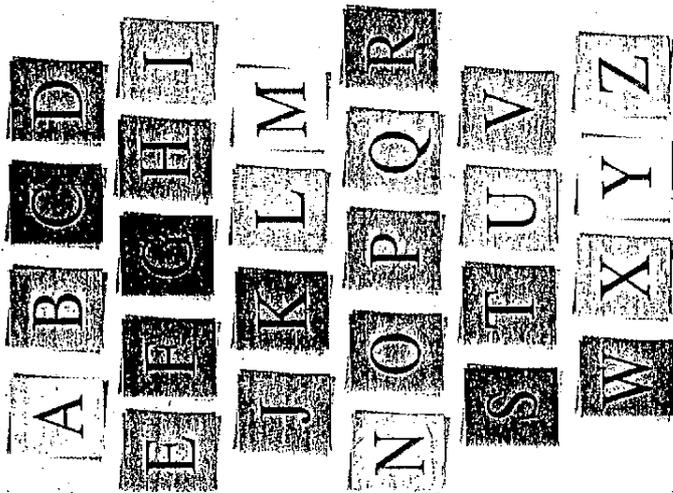
Com P, escrevo Paixão.

Com _____, escrevo _____ do meu coração.



LETRAS - ALFABETO

Quando escrevemos, usamos letras.
O conjunto de letras chama-se alfabeto.



Quando falamos, usamos sons que podem ser vogais ou consoantes.

A - E - I - O - U são vogais.

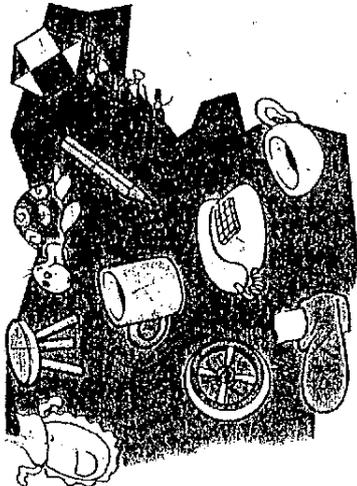
As demais letras chamam-se consoantes.

Escreva o nome das figuras e marque as vogais:



Atividades

1. Escreva o nome destas figuras em ordem alfabética:



Copie somente as palavras começadas por consoantes:

índio – banana – panela
abacaxi – agulha – casa

b) gosta Ela de estudar.

c) é uma menina boa Mariana.

7. Descubra as consoantes que estão faltando e depois escreva as palavras:

___ e ___ i ___ o

a: ___ i ___ o

___ a ___ o

8. Escreva nomes de colegas que comecem por:

vogal

1

2

3

consoante

1

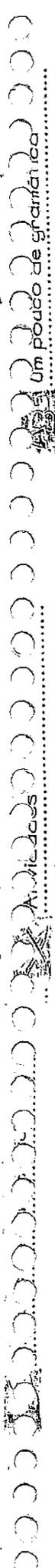
2

3

Coloque em ordem as palavras e escreva as frases:



a) estudando em Mariana casa está.



ENCONTROS VOCÁLICOS



boi



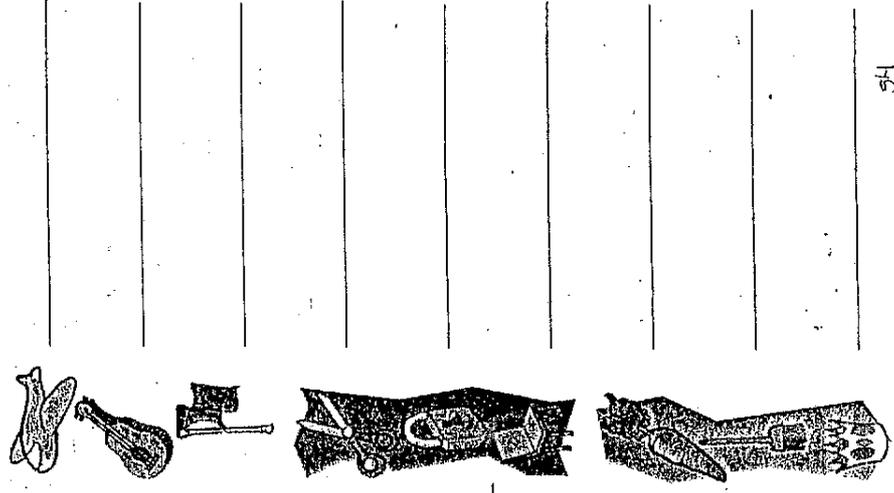
peixe

Nas palavras **boi** e **peixe**, há duas vogais juntas: **oi** e **ei**.
 Temos aí um encontro vocálico.
 Duas ou mais vogais juntas em uma palavra formam um encontro vocálico.

1. Aponte os encontros vocálicos destas palavras:

- papai _____ manteiga _____
- mamãe _____ ladeira _____
- besouro _____ padeiro _____
- ouro _____ roupa _____
- biscoito _____ aula _____

2. Escreva o nome das figuras e destaque os encontros vocálicos:



ENCONTROS CONSONANTAIS



flor



livro

Nas palavras **flor** e **livro**, há duas consoantes juntas: **fl** e **vr**.
 Duas consoantes juntas na mesma palavra formam um encontro consonantal.



Atividades

Escreva o nome das figuras e copie os encontros consonantais:



Use **bl, cl, fl, gl, pl** para completar e escrever as palavras:

- oro
- ores
- aca
- oco
- obo
- aro

LETRA INICIAL MAIÚSCULA OU MINÚSCULA

As palavras podem ser escritas com letra inicial **maiúscula** ou **minúscula**.

- Usamos letras **maiúsculas**:
 - Nos nomes próprios de pessoas, lugares, animais.

Exemplos: Eduardo, Minas Gerais, gata Mimi.

-- No começo das frases, como: **O** pato nada. Onde ele nada?

- Usamos letras **minúsculas** para escrever nomes de coisas.

Exemplos: lápis, mesa, chave, flor.

Relacione corretamente:

A	Encontro vocálico	jeito	problema
B	Encontro consonantal	classe	bandeira
<input type="checkbox"/>		apagou	sabão
<input type="checkbox"/>		flores	retrato
<input type="checkbox"/>		sabão	abraço
<input type="checkbox"/>		papai	tesouro

Atividades

I. Use letra inicial maiúscula para escrever o nome:

- a) de sua professora _____
- b) de sua escola _____
- c) de seu bairro _____
- d) da cidade onde você mora _____
- e) de um amigo da sua rua _____

Projeto

DICIONÁRIO

Atividade

APRENDENDO A USAR DICIONÁRIO

A ordem alfabética que você aprendeu a usar, quando fez sua agenda de endereços, é usada para organizar diversos materiais: listas de todas as espécies, dicionários, enciclopédias e outros.

Hoje, vamos ver como está organizada essa grande lista de palavras que é o dicionário.

Dicionário é o livro que registra um conjunto de palavras organizadas alfabeticamente. O dicionário da língua portuguesa, além de mostrar como são escritas as palavras, traz seu significado e algumas informações gramaticais.

ESCREVA as palavras abaixo em ordem alfabética:

CAVALINHO, VAGALUME, ESTRELA, TERRA

NOITE, BRINQUEDO, FADÁ, SONHO, CORAÇÃO

É fácil consultar o dicionário; o principal é conhecer bem o alfabeto. Para treinar um pouco, COMPLETE abaixo com as letras que estão faltando:

F, , , , L

S, , , , Z

L, , , , Q

B, , , , G

N, , , , S

A, , , , F